



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**A PRODUÇÃO POÉTICA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DO FENÔMENO DE
AUDIÊNCIA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Júlia Viegas de Mello

Rio de Janeiro 2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**A PRODUÇÃO POÉTICA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DO FENÔMENO DE
AUDIÊNCIA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Júlia Viegas de Mello

Projeto de pesquisa apresentado para a conclusão
da disciplina Projeto Experimental II, habilitação
em Produção Editorial, da Escola de Comunicação
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr Marcio Tavares d'Amaral

Rio de Janeiro 2014

M527

Mello, Júlia Viegas de

A produção poética no facebook: uma análise do fenômeno de audiência no contexto da sociedade contemporânea / Júlia Viegas de Mello. 2014.

69 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Tavares d'Amaral.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Produção Editorial, 2014.

1. Mídia social. 2. Redes sociais. 3. Poesia. I. d'Amaral, Marcio Tavares. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 302.23



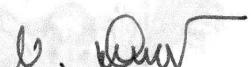
Escola de Comunicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

Em 29 de Maio de 2014 esteve reunida a Banca Examinadora composta pelos seguintes **professores examinadores** Prof. Dr. Marcos Dantas Loureiro, Prof. Dr. André Fábio Villas-Boas e por Prof. Dr. Marcio Tavares d'Amaral, como **professor orientador**, além do(a) **aluno(a)** Júlia Viegas de Mello, (DRE nº 111321876) do curso de Comunicação Social, habilitação em **Produção Editorial** que apresentou o projeto experimental sobre o tema A produção poética no Facebook: uma análise do fenômeno de audiência no contexto da sociedade contemporânea.

Avaliado o trabalho, a Banca atribuiu grau 9,5 ao Projeto Experimental do (a) aluno (a). Nada mais havendo a observar fica lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Banca e pelo (a) aluno (a).

Rio de Janeiro, 29 de Maio de 2014.



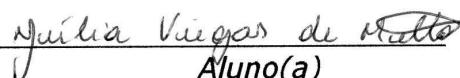
Professor Examinador



Professor Orientador



Professor Examinador



Aluno(a)

A PRODUÇÃO POÉTICA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DO FENÔMENO DE AUDIÊNCIA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

MELLO, Júlia Viegas. **A produção poética no Facebook: uma análise do fenômeno de audiência no contexto da sociedade contemporânea.** Orientador: Marcio Tavares d'Amaral. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação Em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 69 f.

Agradeço a minha família por ter me proporcionado a oportunidade do estudo, sempre colocando a educação como uma prioridade em minha vida.

Agradeço aos meus colegas de faculdade por terem tornado essa experiência coletiva, obrigada pela amizade, pela cumplicidade e pelos laços que vão perdurar na caminhada da vida.

Agradeço a Professora Alda Rosana por ter ajudado prontamente na elaboração do questionário de pesquisa utilizado nesse trabalho; a Professora Teresa Bastos que me auxiliou na transformação do turbilhão de ideias em um trabalho acadêmico e ao Professor Marcio d'Amaral pela amabilíssima orientação. Obrigada a todo o corpo docente da ECO-UFRJ por, ao longo desses quatro anos de aprendizado, ter me proporcionado o desencanto e a inconformidade e, logo em seguida, ter me capacitado com as ferramentas de mudança e construção de uma realidade melhor.

“O que é a espiritualidade? É a sua capacidade de olhar que as coisas não são um fim em si mesmas, que existem razões mais importantes do que o imediato. Que aquilo que você faz, por exemplo, tem um sentido, um significado. Que a noção de humanidade é uma coisa mais coletiva.”

Mario Sergio Cortella

Resumo

O fenômeno da produção de poesia no Facebook é crescente, notável, atual e reflete um corpo social que está cada vez mais conectado, produzindo e compartilhando novos conteúdos. Este trabalho propõe-se a investigar as motivações dos usuários, contextualizando-as com as características e questões da sociedade em rede, segundo Castells (1999) e O'Reilly (2004). Para melhor entender o fenômeno, serão traçados dois panoramas em que esta temática se insere: a WEB e a poesia. Posteriormente, serão analisados os conteúdos das páginas Eu me chamo Antônio e Pó de lua; serão aplicados também questionários qualitativos aos seus respectivos fãs. Por último será feita uma análise de todos os aspectos descobertos, traçando um paralelo com as noções de sujeito contemporâneo de Bauman (2009) e d'Amaral (2010).

Palavras-chave: poesia, Facebook, sociedade, rede, pós-moderno.

Abstract

The phenomenon of poetry production on Facebook is notable, current, it's on growth and reflects a social body which is more connected each day, producing and sharing new contents. The purpose of this work is to investigate the user's motivation, contextualizing with the characters and issues of the network society, according to Castells (1999) and O'Reilly (2004). To better understand the phenomenon, we'll build the two contexts in which this theme fits in: WEB and poetry. After that, we'll analyze the content of the pages Eu me chamo Antônio and Pó de Lua; we'll also apply qualitative questionnaires to its fans. At last, we'll study all the discovered aspects, drawing a parallel with the concepts of the contemporary subject of Bauman (2009) and d'Amaral (2010).

Keywords: poetry, Facebook, society, network, postmodern.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1: Post do dia 9 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 27 |
| Figura 2: Post do dia 19 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 28 |
| Figura 3: Post do dia 19 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 29 |
| Figura 4: Post de 21 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 30 |
| Figura 5: Post do dia 23 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 31 |
| Figura 6: Post do dia 3 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 32 |
| Figura 7: Post do dia 7 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 33 |
| Figura 8: Post do dia 24 de Fevereiro de 2014 selecionado para análise | 34 |
| Figura 9: Post do dia 15 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 35 |
| Figura 10: Post do dia 11 de fevereiro de 2014 selecionado para análise | 36 |
| Figura 11: Post do dia 16 de março de 2014 apresentado na pesquisa | 41 |
| Figura 12: Post do dia 16 de março de 2014 apresentado na pesquisa | 41 |
| Figura 13: Post do dia 10 de fevereiro de 2014 apresentado na pesquisa | 42 |
| Figura 14: Post do dia 15 de março de 2014 apresentado na pesquisa | 46 |
| Figura 15: Post do dia 10 de março de 2014 apresentado na pesquisa | 46 |
| Figura 16: Post do dia 12 de março de 2014 apresentado na pesquisa | 47 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Resultado da primeira parte da pesquisa qualitativa com fãs da página Eu me chamo Antônio | 37 |
| Tabela 2: Resultado da primeira parte da pesquisa qualitativa com fãs da página Pó de Lua | 43 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 Justificativa | 13 |
| 1.2 Objetivo | 15 |
| 1.3 Fundamentação teórica | 15 |
| 1.4 Metodologia | 16 |
| 2 O CONTEXTO DA PRODUÇÃO POÉTICA NO FACEBOOK | 17 |
| 2.1 A Literatura | 17 |
| 2.1.1 Os recursos literários | 18 |
| 2.1.2 A poesia | 19 |
| 2.1.3.1 Tempo, enredo e espaço | 20 |
| 2.2 A Rede | 21 |
| 2.2.1 A sociedade informacional | 21 |
| 2.2.2 Comunidade e interatividade | 22 |
| 2.2.3 Virtualidade | 24 |
| 2.3 Poesia em Rede | 24 |
| 3. ESTUDANDO O FENÔMENO | 26 |
| 3.1 Análise de conteúdo dos casos | 26 |
| 3.1.1 Página Eu me chamo Antônio | 26 |
| 3.1.2 Página Pó de Lua | 32 |
| 3.2 Análise da pesquisa qualitativa com os fãs | 37 |

| | |
|--|-----------|
| 3.2.1 Página Eu me chamo Antônio | 37 |
| 3.2.2 Página Pó de Lua | 43 |
| 4 UM PARALELO COM O MUNDO PÓS-MODERNO | 48 |
| 4.1 O pensamento pós-moderno | 48 |
| 4.1.1 Os valores e as instituições | 48 |
| 4.1.2 A velocidade | 49 |
| 4.1.3 A identidade | 50 |
| 4.1.4 O indivíduo | 51 |
| 4.1.5 O consumo | 51 |
| 4.1.6 Os eixos | 52 |
| 4.2 Pós-modernidade e poesia | 53 |
| 5 CONCLUSÃO | 57 |
| 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 59 |
| 7 APÊNDICE | 61 |
| Apêndice A – Questionário Eu me Chamo Antônio | 61 |
| Apêndice B – Respostas ao Questionário Eu me Chamo Antônio | 62 |
| Apêndice C – Questionário Pó de Lua | 65 |
| Apêndice D – Respostas ao Questionário Pó de Lua | 66 |

1 INTRODUÇÃO

O tema selecionado é o fenômeno da produção poética no Facebook. Pretende-se analisá-lo a partir da observação cuidadosa da interação do público com perfis de poetas amadores no Facebook, são eles: Eu me chamo Antônio e Pó de lua. Esse recorte pode ser enquadrado na área de comunicação, no que concerne à linguagem e à expressão no meio cibernético em que nos inserimos hoje através das novas tecnologias.

Este tema apresentou-se como foco de estudo a partir da observação do grande sucesso que a produção de poesia autoral tem feito na rede social. Hoje, as novas mídias são tidas como um campo fértil para divulgar e construir esse tipo de obra e o número de usuários que acompanham e interagem com esse conteúdo é cada vez maior.

Inseridos em um contexto repleto de estímulos eletrônicos efêmeros e grande oferta de informações acredita-se que a juventude atual, que foi crescendo com os adventos digitais, apresenta resistência ao conteúdo literário, justamente por sua apreensão demandar menos velocidade e mais atenção. Surpreendentemente, a poesia no Facebook tem agradado um grande número de leitores, apresentando-se como uma forma eficaz de comunicação com este público, pois gera uma identificação muito forte por sua construção curta e abordagem pontual. A delimitação que se pretende dar ao tema é justamente o entendimento desse processo de identificação, buscando as razões pelas quais as pessoas são mobilizadas por esse conteúdo que vai de encontro a toda mentalidade contemporânea da utilidade e do consumo, atingindo a dimensão da sensibilidade.

1.1 Justificativa

Esse trabalho é importante porque se propõe a analisar o fenômeno da produção de poesia na Internet através da investigação das razões de seu sucesso e o porquê dessa produção ter uma resposta tão notável dos usuários. O aspecto mais relevante desta pesquisa é a sua novidade e potencial de refletir um panorama muito mais abrangente: a produção de conteúdo de poesia online e os sujeitos atingidos e mobilizados por ela.

Na área de produção editorial essa questão é importante na medida em que revela uma boa resposta do público ao conteúdo poético; historicamente um gênero pouco atraente, hermético e, consequentemente, pouco publicado e pouco confiado como fonte de receita das

grandes editoras. Através deste estudo será possível entender melhor o público que consome esse tipo de texto e traçar novas possibilidades para o trabalho editorial, respondendo ao apelo popular existente e adequando o mercado impresso aos anseios digitais. É uma grande oportunidade, uma demanda latente que, por enquanto, não está sendo economicamente aproveitada, pois os autores, em sua maioria, são independentes.

Para a comunicação, de modo geral, a pesquisa tem a importância da investigação de um fenômeno representativo da contemporaneidade, ligado às novas tecnologias. E a partir desse estudo cria-se a possibilidade de entender melhor a subjetividade do indivíduo que se constrói como usuário. Conhecendo o público, torna-se possível desenvolver produtos de comunicação cada vez mais adequados às suas particularidades, uma vez que se prova, cada vez mais, que o modelo de massa está sendo substituído pelo de nichos.

Pela ótica social, encontram-se, ainda hoje, diversos artistas de rua que divulgam o seu trabalho de forma independente, criando e distribuindo poesia, principalmente na região do centro da cidade do Rio de Janeiro. Por essas vias, normalmente, eles não obtém muito sucesso, por terem sempre que abordar pessoas que se locomovem com muita pressa e objetivos, sem abertura para serem impactadas por novos estímulos literários. Na Internet o paradigma é outro: os usuários escolhem com muito critério o conteúdo que querem ver, com alto nível de personalização. Por isso, quem lê poesia no ambiente virtual é porque o quer realmente. Dessa maneira o trabalho é muito mais prestigiado e os poetas amadores saem da condição de inconveniência das ruas, pois eles são, de fato, apreciados. Então, essa pesquisa é também um estudo de oportunidade para o ofício desses autores amadores. Pela ótica da produção de conteúdo, torna-se visível uma nova cena de autores em potencial que podem vir a representar a poesia brasileira, contribuindo para a construção de um panorama cada vez mais concreto e próspero para a literatura nacional.

A análise da questão da produção de poesia na Internet é importante para o mundo porque pensa um fenômeno contemporâneo e universal: a busca da definição de um sujeito próprio de seu tempo frente às novas tecnologias. No mundo globalizado há muitas pessoas buscando uma subjetividade e, nesse sentido, apresenta-se um quadro onde estas estão cada vez mais unidas pelas ideias de Rede e de coletividade.

1.2 Objetivo

O objetivo da pesquisa é a investigação do fenômeno da poesia na WEB, buscando o entendimento do porquê esse tipo de conteúdo atinge de forma tão impactante, identitária e positiva um grande número de usuários que estão navegando na WEB.

O trabalho objetiva entender, dentre tantas formas de conteúdo online inovador que estão surgindo em toda a rede, a poesia no Facebook. Buscando quem são as pessoas que dão crédito e se identificam com essa produção, suas motivações e pensamentos. Visando assim, a construção de um panorama da produção poética na era da Internet na rede social escolhida.

Este estudo busca entender o próprio sujeito contemporâneo a partir das novas (somente no que tange ao meio online, porque a poesia como gênero literário é milenar) formas que ele usa para se expressar e dos conteúdos que ele elenca como ‘espelhos’ de sua subjetividade, seja este reflexo instantâneo (de algum momento ou situação específica que está vivendo) ou de personalidade (que diz respeito as suas características e crenças), traçando um verdadeiro perfil de suas preferências, afinidades, questionamentos, etc.

Em contrapartida, esta pesquisa não tem nenhuma pretensão de generalização, pois cada ser é único e diferente de todos os outros, o objetivo principal é a investigação em si.

Frente a uma sociedade que valoriza cada vez mais as conquistas individuais e os relacionamentos sociais ‘superficiais’ através dos meios eletrônicos encontra-se, na poesia do Facebook, um traço das noções de coletividade e compartilhamento. São pessoas totalmente diferentes, imersas em suas vidas pessoais, mas que devido à conexão em rede, são atingidas por determinado conteúdo e acabam se identificando umas com as outras em suas questões mais profundas (público-autor, autor-público, público-público). Dessa forma a poesia na WEB é um ‘espaço’ que se resguarda de toda a efemeridade da vida moderna, pois permite a identificação e a solidariedade entre as pessoas.

1.3 Fundamentação teórica

Para falar sobre o fenômeno da poesia no Facebook, inicialmente, será feita uma abordagem literária, passando por um breve estudo da poesia como gênero, buscando nas raízes da criação desse tipo de texto as questões interessantes para desenvolver paralelos com a Rede. Para isso será utilizado o livro A criação literária: poesia, de Massaud Moisés (1967).

A seguir, será traçado um raciocínio sobre a Internet, entendida como WEB 2.0, seus

aspectos e características mais relevantes. Para construir esse painel serão utilizados autores como Manuel Castells (1999) e Tim O'Reilly (2004).

Por fim, para interpretar as pesquisas e discutir os conteúdos das páginas analisadas, serão utilizados autores como Marcio d'Amaral (2010), apresentando uma visão do sujeito pós-moderno, e Zygmunt Bauman (2009), inserindo este mesmo sujeito em um contexto de 'modernidade líquida'.

1.4 Metodologia

A primeira parte do trabalho analisará os dois contextos em que o fenômeno da poesia no Facebook se insere: a WEB e a poesia. Serão criados panoramas através a leitura de obras específicas de cada campo.

Posteriormente, será feita a análise de conteúdo das páginas Eu me chamo Antônio e Pó de lua, focando nos *posts* que geraram maior audiência, nos comentários mais interessantes dos usuários, etc. Ocorrerá também a aplicação de um questionário de pesquisa qualitativa em uma pequena amostra de fãs destas páginas, buscando as motivações deles para acompanhar e compartilhar o trabalho desses autores.

Por último, ocorrerá uma reflexão sobre o que foi descoberto na etapa anterior, traçando relações com alguns conceitos de Bauman (2009) e Marcio d'Amaral (2010).

2 O CONTEXTO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA NO FACEBOOK

2.1 A Literatura

A produção de poesia no Facebook insere-se em um contexto inicial mais abrangente: a Literatura. Muitos foram os estudiosos que buscaram e buscam até hoje a definição para essa palavra, porém, na abordagem particular desse trabalho, a pretensão é de, somente, trazer conceitos, e não encerrar determinações.

Nos dias de hoje, mais importante que fechar conceitos é trazer reflexões, em um mundo repleto de referências múltiplas e instantâneas, faz-se necessário pensar sobre o que é apresentado; no caso da Literatura, esse questionamento pode ser representado por uma pergunta principal, trazida por Moisés (1967, p. 24): “(...) a Literatura se ausentou da realidade nossa contemporânea, aos poucos ganhando condição de flor de estufa ou de corpo estranho num mundo agitado por incalculáveis metamorfoses tecnológicas?”.

Segundo Moisés (1967), o primeiro passo para que uma obra assuma caráter literário é a sua escrita em um suporte; o segundo, e determinante passo, é o seu oferecimento à leitura. Devemos considerar a atualização dessa ideia, visto que na contemporaneidade a noção de texto escrito ampliou-se significantemente devido aos recursos plásticos, eletrônicos e tecnológicos dos quais dispomos. Mas isso representa apenas uma mudança de instrumento de registro, a condição básica de documento em uma fonte destinada à leitura se mantém.

Outra característica da Literatura trazida por Moisés (1967) a partir do pensamento sobre os estudos de Aristóteles é de se apresentar como ‘mimese’ da realidade. Porém, essa imitação não se dá de forma totalmente fidedigna, há também criação: o sujeito que constrói um texto literário desenvolve uma ficção a partir da sua interpretação do mundo, é como se ele colocasse óculos e enxergasse um cenário colorido através das lentes que imitam sua presença subjetiva e intuitiva.

Sintetizando as duas características apresentadas acima: a escrita e oferecimento à leitura, e a questão da imitação; podemos perceber a importância da figura do leitor como agente indispensável do processo literário; representado ora como sujeito para quem o conteúdo é dedicado, ora como quem veste as lentes do autor; é como se um novo poema

fosse construído toda vez que uma pessoa diferente o lê, não existindo um molde fixo entre o antes e o depois, o mesmo texto desencadeia conexões diversas. Sobre essa dinâmica, Moisés (1967, p. 27) explica:

O universo para-real não está no texto, o que seria confundir-se com ele enquanto objeto, mas num processo que o texto engendra com a cumplicidade do leitor. Sem a sua colaboração, sem a participação de sua fantasia, o universo paralelo não se cria. O universo paralelo somente adquire existência com relação entre uma virtualidade geradora – o texto – e uma entidade captadora e transfiguradora – o leitor.

2.1.1 Os recursos literários

A produção de poesia que se dá no Facebook, com o recorte específico das páginas escolhidas para análise Eu me chamo Antônio e Pó de Lua, utiliza-se de recursos literários tradicionais em sua construção. Sua matéria principal é composta por signos, tidos por Moisés (1967) como representações de objetos que permitem que outros sujeitos possam usufruir de um determinado conhecimento alheio sem necessitar recorrer diretamente a referência inicial. O autor também apresenta algumas classificações desse conteúdo: quanto à natureza formal, eles podem ser verbais ou não-verbais (sons, movimentos, números, grafismos); quanto aos valores podem ser univalentes ou polivalentes; e quanto aos sentidos, podem ser denotativos ou conotativos. No caso da linguagem literária os signos são, majoritariamente, polivalentes (falam à sensibilidade e a inteligência), justamente porque esse tipo de texto é “fruto de uma relação entre um contexto dinâmico e um ‘leitor’ sujeito às mudanças de ânimo, de perspectiva ideológica, etc.” (1967, p.32)

Os signos polivalentes na linguagem literária caracterizam-se, segundo Urban (1929 *apud* MOISÉS, 1967, p.35) “pelo emprego sistemático da metáfora”, recurso de múltiplos princípios que reflete o mesmo caráter do sujeito que se expressa; no dicionário, Ferreira (2008) apresenta o seu significado da seguinte maneira: “Figura de linguagem que consiste na transferência da significação própria de uma palavra para outra significação, em virtude de uma comparação subentendida”. Mais uma vez fica explícita a importância do leitor no processo literário, pois é somente através da sintonia entre o seu repertório de conhecimento e o do autor que se dá a atribuição de sentido a obra. A criação desta surgiu, na realidade, a partir da tradução do escritor do seu ‘sentimento do mundo’ e em um segundo momento é

oferecido à fruição do leitor, formando uma verdadeira constelação de signos carregada de uma enorme taxa de subjetividade; ideia expressa por Moisés (1967, p.35) no seguinte trecho:

Em qualquer hipótese, trata-se de metáfora e, portanto, de vocábulos polivalentes: ‘linguagem intuitiva, metafórica ou dramática, sempre diz explicitamente certas coisas acerca do homem e da vida humana. O que diz explicitamente é múltiplo e variado e com frequência contraditório; mas na medida em que é autêntico, todas as afirmações explícitas têm um caráter comum: são afirmações acerca de pessoas’.

2.1.2 A poesia

A poesia apresenta uma série de características interessantes para analisarmos o sucesso que sua produção por novos autores tem feito na WEB. A primeira delas, segundo Moisés (1967) é que a poesia nega, em sua natureza, as visões materialistas, mecanicistas e positivistas da realidade; não que esta não possa se apresentar como temática, mas isso somente acontece quando a ótica é a do sujeito, em um esforço de interiorização.

Em um segundo momento, o autor caracteriza a poesia como um espaço criativo de ficção e imaginação, esse aspecto é um desdobramento do apresentado no parágrafo anterior, da seguinte forma: o movimento natural a ser feito quando se despreza o real é o desvio, em busca da invenção de um novo cenário. A perspectiva utilizada para tal não poderia ser outra que não a do próprio sujeito, que passa a circunscrever suas situações, utilizando então, como material de trabalho, seu universo, construindo um panorama mais individualizado, autêntico e interior. Esse raciocínio foi sintetizado por Moisés (1967, p. 38) da seguinte forma: “Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal.”

A terceira característica da poesia apontada por Moisés (1967) é funcionar como um espaço onde o eu lírico se comunica, se expressa, trazendo ao nível social e consciente o que antes era profundo e inconsciente; tudo isso se dá através de uma linguagem essencialmente conotativa, que foge do emprego convencional das palavras.

2.1.3.1 Tempo, enredo e espaço

A produção poética apresenta vários aspectos particulares que pautam sua criação. Segundo Moisés (1967) o gênero se desenvolve em uma dimensão diferente do tempo da vida cotidiana, sempre orientada para o futuro ou para questões efêmeras; na poesia a dimensão que importa é o presente, o momento da leitura e da reflexão concomitante que ocorre dentro do leitor, para além do calendário. Segundo o autor (1967, p. 150): “Dotado de padrão próprio, o tempo da poesia se ordena como o tempo da enunciação, no ato de produzir os sons das palavras, numa continuidade inapreensível por qualquer instrumento mecânico (...”).

Moisés (1967) nos apresenta um estudo sobre o enredo da poesia que pontua o acaso e o que gira em torno dele como temáticas principais, fugindo de narrativa linear, dos fatos lógicos e históricos, optando por uma abordagem psicológica e emocional.

Quanto ao espaço, o autor destaca que o palco da realização da poesia é o próprio ‘eu’, tirando da geografia a função de determinação de local que tradicionalmente lhe cabe. O lugar em que se dá a poesia é um novo espaço, não reproduz nenhum outro, pois, segundo Moisés (1967, p. 167): “dizer do sentimento é construir um espaço autônomo”; em um esforço de tornar real o que antes era virtual. Nesse sentido, podemos entender também como lócus o papel e as mais diversas telas que servem para transmitir a poesia para as pessoas.

Todos esses aspectos da poesia funcionam como ferramentas para o próprio sujeito compreender e agir sobre a realidade que o cerca. Em meio a tantos recursos tecnológicos e informações, a velocidade do mundo acaba transformando a sociedade em espectadores que estão sempre correndo atrás de algo, atrasados; sobre essa relação Moisés (1967, p.225) explica:

(...) ao fim das contas, a realidade do mundo desenvolve-se dos dois discursos, o de sua própria identidade sem voz, e o poético, no qual o mutismo original adquire timbre e sentido. E se considerarmos que a realidade intrínseca do discurso poético é construída à imagem e semelhança da realidade do mundo, - como mimese -, comprehende-se porque é a realidade do mundo que está em causa quando nos voltamos para o fenômeno poético a fim de perquirir-lhe a complexidade e a significação.

2.2 A Rede

2.2.1 A sociedade informacional

O Facebook é a maior rede social da atualidade, contando com cerca de 1.2 bilhões de usuários ativos (Blue Bus, 2014), o que significa que essa impressionante quantidade de pessoas está conectada entre si através de seus computadores, celulares e outros dispositivos. Diversos foram os fatores que influenciaram esse movimento, o primeiro deles foi a globalização, historicamente localizada no final do século XX e início do século XXI. A integração internacional de âmbitos como a economia, a cultura e a política de diferentes países só foi possível devido a avanços nas tecnologias de informação (microeletrônica, computadores, programas, telecomunicação, telefonia, radiodifusão) e comunicação. Dessa maneira, ocorreu o rompimento com as bases materiais vigentes até o momento e a gradativa (e ininterrupta) flexibilização e fusão de aspectos culturais, sociais e de consumo, antes limitados pelas distâncias geográficas; nas palavras de Castells (1999, p. 67):

Meu ponto de partida, e não estou sozinho nessa conjectura, é que no final do século XX vivemos um desses raros intervalos na história. Um intervalo cuja característica é a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação.

O segundo fator que contribuiu para a formação dessa sociedade informacional foi a criação da Internet. A tecnologia desenvolvida nas últimas três décadas do século XX foi resultado da cooperação entre estratégia militar e iniciativa tecnológico-científica dos Estados Unidos, no contexto da Guerra Fria.

Desde então a rede mundial de computadores já sofreu diversas mudanças, essas que, aliás, estão acontecendo a todo momento; a mais icônica delas foi o surgimento do conceito de WEB 2.0. Utilizado pela primeira vez por Dale Dougherty, vice-presidente da O'Reilly Media (empresa americana de mídia) na ocasião de uma conferência no ano de 2004, o termo tornou-se mundialmente utilizado e discutido. Seu significado diz respeito à evolução da WEB como se conhecia até o momento, a versão 2.0 desse ambiente seria uma plataforma com programas online e aplicações multimídia conectados através de banda larga. Dentre as características dessa atualização estão: a simplicidade, a espontaneidade, o dinamismo, a

multiplicidade de possibilidades de atuação, o aproveitamento da inteligência coletiva, a relevância do conteúdo, o aspecto social, a flexibilidade e a participação do usuário.

Castells (1999, p. 58) trabalha na caracterização dessa nova sociedade que se desenvolve, e o principal aspecto destacado por ele é a relevância da identidade como princípio organizacional, entendida como um “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais”. As pessoas, hoje, inserem-se em diferentes grupos de acordo com seus interesses, seus gostos e desgostos, não estão mais limitadas somente à socialização nos ambientes do trabalho, da família, da política, da religião e de outras instâncias tradicionais. Essa é uma consequência da própria globalização, mencionada anteriormente, pois somente dentro de um sistema de funcionamento global é possível relacionar-se de forma igualmente pessoal para além dos círculos próximos e convencionais. A tecnologia está então, na verdade, ajudando a desfazer a visão de vida promovida no passado, contribuindo para que a condição de solidão da modernidade (causada pela exacerbção do indivíduo e pela racionalização das relações sociais) seja superada; isso se dá através da busca por uma nova conectividade, baseada em uma personalidade, agora, reconstruída e partilhada.

2.2.2 Comunidade e interatividade

O contexto em que a sociedade informacional está inserida favorece a criação de novas comunidades, sendo estas virtuais. Em uma comparação com os grupamentos pessoais, Wellman e Gulia (1999 *apud* CASTELLS, 1999, p. 444) demonstram que:

(...), assim como as redes físicas pessoais, a maioria dos vínculos das comunidades virtuais são especializados e diversificados, conforme as pessoas vão criando seus próprios ‘portfólios pessoais’. Os usuários da Internet ingressam em redes ou grupos *on-line* com base em interesses em comum, e valores, e já que têm interesses multidimensionais, também os terão suas afiliações *on-line*. Não obstante, com o passar do tempo, muitas redes que começam como instrumentais e especializadas acabam oferecendo apoio pessoal, tanto material quanto afetivo, (...).

Os laços que se criam entre os integrantes dessas comunidades virtuais são, em sua maioria, fracos; poucos são os casos em que o contato na Rede, nesse espaço específico, é

aprofundado. Porém, isso possibilita que a interação se dê de forma mais igualitária, pois nesse contexto, diferentemente da ‘vida real’, questões como renda, escolaridade, sexo e cor da pele são menos determinantes do que o conteúdo do que se diz, em si; na Internet o momento da ‘primeira impressão’ é, muitas vezes, suprimido. Ocorre, então, a possibilidade de expansão dos vínculos sociais, formando uma camada fundamental da interação social. Castells (1999, p. 445) atenta também para a qualidade desses laços: “Existem indícios substanciais de solidariedade recíproca na Rede, mesmo entre usuários com laços fracos entre si. De fato, a comunicação on-line incentiva discussões desinibidas, permitindo assim a sinceridade.” Então, é justamente pelo caráter fraco desses laços (o que poderia ser visto como um aspecto negativo) que as pessoas se sentem livres para colocar as suas reais opiniões sobre o assunto em pauta, pois, dificilmente, esse bate-papo terá desdobramentos ‘reais’, por seu caráter informal, espontâneo, anônimo e semelhante à oralidade.

As conexões desses grupamentos se iniciam com um caráter funcional (por exemplo: grupo da faculdade para facilitar os trabalhos à distância; grupo dos que gostam de teatro para trocar informações sobre a programação da cidade) evoluem, muitas vezes, para um apoio afetivo, pois, na sociedade tecnologicamente desenvolvida atual, o espaço virtual ocupa um lugar de destaque na vida de cada um; segundo uma pesquisa de Turkle (2006 *apud* CASTELLS, 1999, p.443): “(...) sim, os usuários interpretavam papéis e criavam identidades online. Mas isso gerava uma sensação de comunidade, mesmo que efêmera, e talvez trouxesse algum alívio a pessoas carentes de comunicação e auto-expressão.” Em um mundo globalizado, as comunidades também são globais, o que faz com que, muitas vezes, as pessoas se sintam solitárias no seu cotidiano, pois somente se conectam com outros que estão há muitos dias de distância física. Nesse sentido, cabe observar esse aspecto contido no conceito de Rede desenvolvido por Castells (1999, p. 446):

(...) a Rede é a Rede. Transcendem a distância, a baixo custo, costumam ter natureza assincrônica, combinam a rápida disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal, e permitem afiliações múltiplas em comunidades parciais. Ademais, não existem no isolamento de outras formas de sociabilidade. Reforçam a tendência de ‘privatização da sociabilidade’ - isto é, a reconstrução das redes sociais ao redor do indivíduo, o desenvolvimento de comunidades pessoais, tanto fisicamente quanto *on-line*. Os vínculos cibernéticos oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, pois seus vínculos estão cada vez mais especialmente dispersos.

2.2.3 Virtualidade

O termo ‘virtual’ é muito usado em seu sentido mais imediato, referente ao que acontece no ambiente da Internet e dos dispositivos tecnológicos. Nesse trabalho, porém, há a necessidade de sua compreensão mais profunda.

Os processos de comunicação contêm, de maneira geral, grande parte do significado de uma cultura. Com essa importância em foco, Castells (1999, p. 459) se utiliza do conceito de ‘simulação’ de Baudrillard e da noção de ‘sinal’ de Barthes para traçar a relação entre o que é a verdade e o que é a sua imagem: “(...) todas as formas de comunicação, (...), são baseadas na produção e consumo de sinais. Portanto, não há separação entre ‘realidade’ e representação simbólica. Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele.” Vemos, então, que na comunicação humana, independentemente do meio envolvido, a troca de ideias se dá por meio de símbolos. Isso revela que, de certo modo, toda a realidade à nossa volta é percebida de maneira virtual; vivemos hoje em uma atmosfera de ‘virtualidade real’ que segundo Castells (1999, p. 459) corresponde a:

(...) um sistema em que a própria realidade, (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais do mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transforma na experiência.

2.3 Poesia em Rede

Após o estudo dos elementos que compõe o contexto em que a produção poética no Facebook se dá, a literatura e a Rede, foi possível observar aspectos comuns entre os dois.

O primeiro paralelo se dá a partir do conceito de obra literária apresentado por Moisés (1967); segundo o autor o pré-requisito para assumir essa classificação era torná-la pública, divulgá-la. Na Rede essa mesma ideia está presente no conceito de compartilhamento, um fenômeno que ocorre dentro das comunidades virtuais. Nesses grupos as pessoas costumam trocar informações funcionais e criar verdadeiras redes de apoio.

A segunda relação que podemos observar parte da noção de ‘mimese’: as obras literárias são espelhos da realidade. Porém, essa visão real serve ‘apenas’ de inspiração para o autor, que não deixa de imprimir subjetividade em sua criação. O mesmo fenômeno acontece na Internet quando falamos de virtualidade, pois enxergamos a realidade a nossa volta da mesma maneira que o autor vê sua obra: através de um anteparo constituído por símbolos.

Por fim, também podemos entender lado a lado a importância do leitor para a literatura, e do usuário para a Rede. Ambos são os alvos do conteúdo, os agentes que disparam a atribuição de sentido e transformam o que era monólogo em diálogo, sendo que na Internet temos cada vez mais vozes sendo ouvidas e hierarquias sendo subvertidas.

3. ESTUDANDO O FENÔMENO

3.1. Análise de conteúdo de casos

As páginas do Facebook escolhidas para estudo apresentarão alguns aspectos em comum, como a brincadeira com as palavras e o apelo forte a questão visual, os poemas funcionam como ‘ideogramas’.

Pelo entendimento de Moisés (1967) da poesia como arte da descrição do ‘eu’, veremos que, em cada caso, os traços, letras e imagens compõe personalidades bastante diferentes. Todo elemento, porém, tem igual importância para a apreensão da mensagem pelo leitor e a fusão entre emotividade, carga semântica e personalidade particulariza cada texto. Sobre essa comunicação construída por diversos elementos Castells (1999, p. 458) diz:

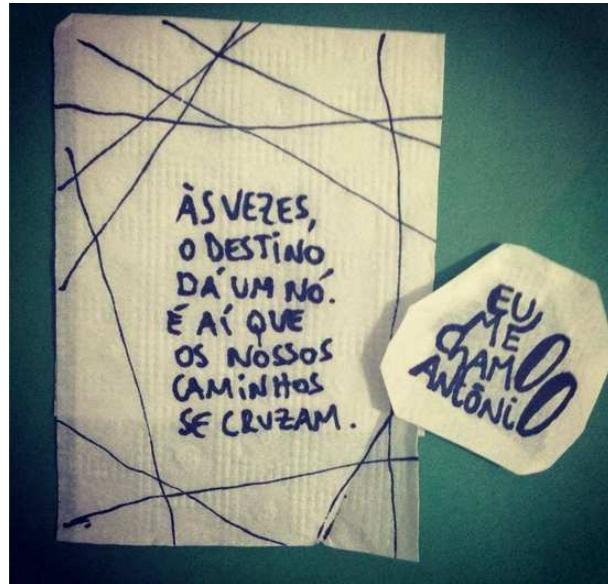
E, como mantém suas características específicas de mensagens enquanto são misturadas no processo de comunicação simbólica, elas embaralham seus códigos nesse processo criando um contexto semântico multifacetado composto de uma mistura aleatória de diversos sentidos.

3.1.1. Página Eu me chamo Antônio

Eu me chamo Antônio é uma página do Facebook em que são publicadas diversas poesias. Usando como suporte um guardanapo, Pedro (nome real do pseudônimo Antônio) posta cerca de três criações por dia. A *fanpage* tem mais de 600 mil fãs e no ano de 2014 uma compilação de seus trabalhos foi publicada em livro pela Editora Intrínseca. Na descrição encontramos o seguinte texto: “Antônio é um personagem sensível e verossímil, talvez seja por isso que os leitores cultivem a dúvida sobre até onde vai a linha tênue que separa a realidade da ficção. Antônio é um personagem de um romance que está sendo escrito, vivido” (Página Eu me chamo Antônio no Facebook, 2014).

Para análise foram escolhidos os cinco *posts* com maior audiência do mês de Fevereiro de 2014, a seguir:

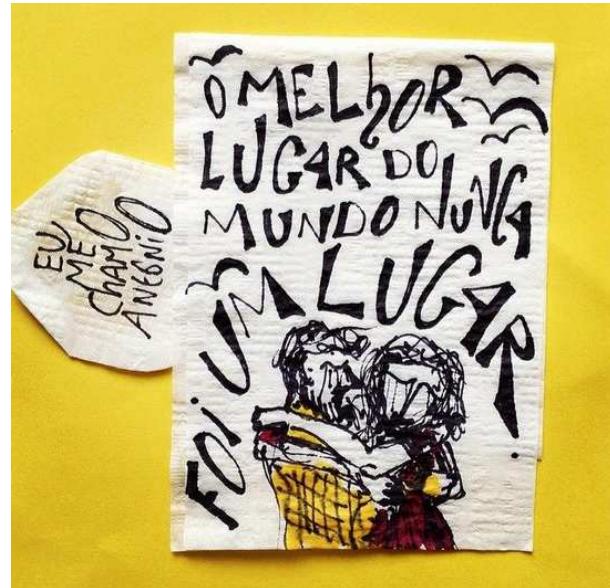
Figura 1: Post do dia 9 de fevereiro de 2014 selecionado para análise¹



No poema retratado na Figura 1 fala-se de um encontro que só se dá quando o destino sai de seu percurso habitual. Assim, o acaso é valorizado em detrimento da previsibilidade da rotina, justamente por proporcionar o cruzamento de caminhos que, de outra maneira, não se sobreporiam. Esse conteúdo foi ‘curtido’ por 10.538 pessoas, compartilhado por 2.201 e comentado por 120.

¹ “Às vezes o destino dá um nó. É aí que os nossos caminhos se cruzam.” Todos os números de ‘curtidas’, compartilhamentos e comentários das páginas Eu me chamo Antônio e Pó de Lua utilizadas neste trabalho são referentes ao dia 26 de abril de 2014.

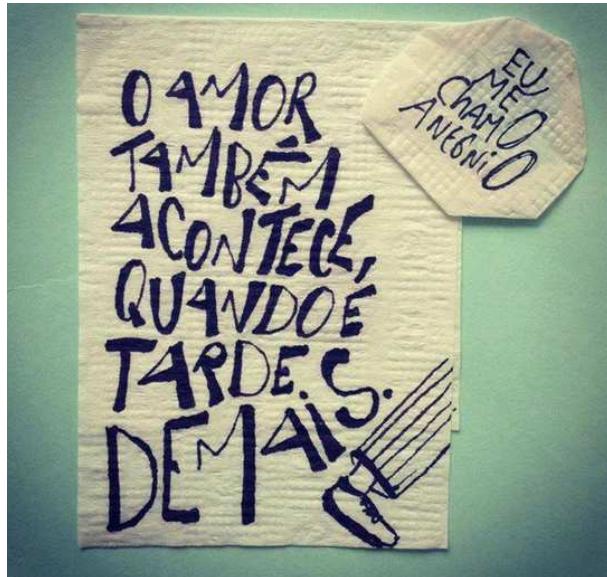
Figura 2: Post do dia 19 de fevereiro de 2014 selecionado para análise²



Na *post* da Figura 2 o tema abordado é o amor. Apresenta-se a ideia de que o melhor lugar do mundo não é geograficamente localizado, ele está na presença de quem se gosta. Subverte-se o entendimento tradicional e cartesiano pelo emocional, intangível: 'o melhor lugar do mundo é onde você está'. Essa mensagem foi 'curtida' por 13.174 pessoas, compartilhada por 4.116 e comentada por 352.

² "O melhor lugar do mundo nunca foi um lugar."

Figura 3: Post do dia 19 de fevereiro de 2014 selecionado para análise³



No poema da Figura 3 também fala-se de amor, agora adotando um tom esperançoso. Este é um sentimento para o qual nunca se está atrasado, porque o tempo do relógio e do calendário não conseguem apreender sua dimensão; o tempo deste sentimento é imensurável pelas unidades da vida cotidiana. O homem que se revela na imagem apenas por um fragmento pode estar passando apressado, correndo atrás de seu amor ou se movimentando na dimensão tradicional do tempo, deixando a sensibilidade para depois. Esse poema foi ‘curtido’ por 14.308 pessoas, compartilhada por 2.721 e comentada por 198.

³ “O amor também acontece quando é tarde demais.”

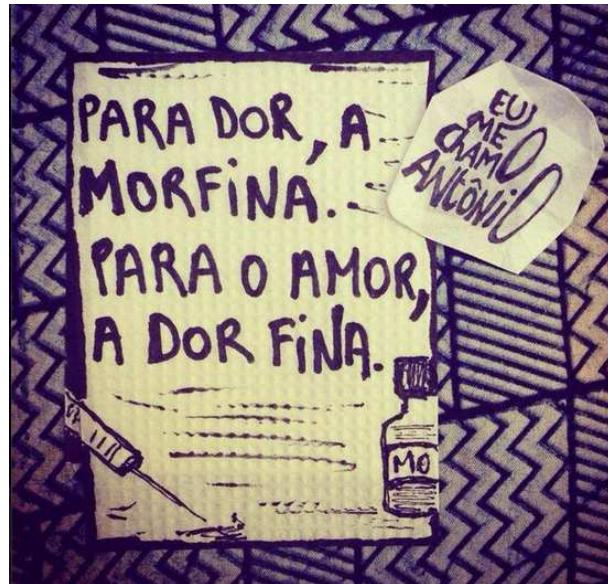
Figura 4: Post de 21 de fevereiro de 2014 selecionado para análise⁴



No post da Figura 4 aborda-se a concepção do que é ‘certo’ e ‘errado’. O acerto seria o caminho de vida retilínea, que se constrói meramente na reprodução de padrões. Porém, a trajetória que ‘é a certa a se fazer’, muitas vezes, faz com que o sujeito se anule e se desaponte. Cada caminho, portanto, deve ser conscientemente percorrido e escolhido para evitar arrependimentos. Esse conteúdo foi ‘curtido’ por 13.132 pessoas, compartilhado por 3.723 e comentado por 56.

⁴ “Com tantos erros por aí, às vezes me pego corrigindo os meus acertos.”

Figura 5: Post do dia 23 de fevereiro de 2014 selecionado para análise⁵



No conteúdo da Figura 5 é feita uma comparação entre a dor física e a dor do amor. A dor física se cura com remédio, já a dor do amor é mais difícil de lidar. Essa mensagem foi ‘curtida’ por 13.507 pessoas, compartilhada por 1.725 e comentada por 85.

Os poemas da página Eu me chamo Antônio apresentam um incrível senso de oportunidade. Cada um consegue refletir diferentes situações pelas quais as pessoas passam em suas vidas. Os comentários dos fãs se dão no sentido de concordar, reconhecer, contar a situação ao qual eles foram remetidos, marcar outras pessoas que fizeram parte dela, declarar-se e se lamentar. Antônio coloca em palavras histórias e pensamentos que são de todos de maneira encantadora e certeira, como seus próprios atores nunca tinham conseguido expressar até então.

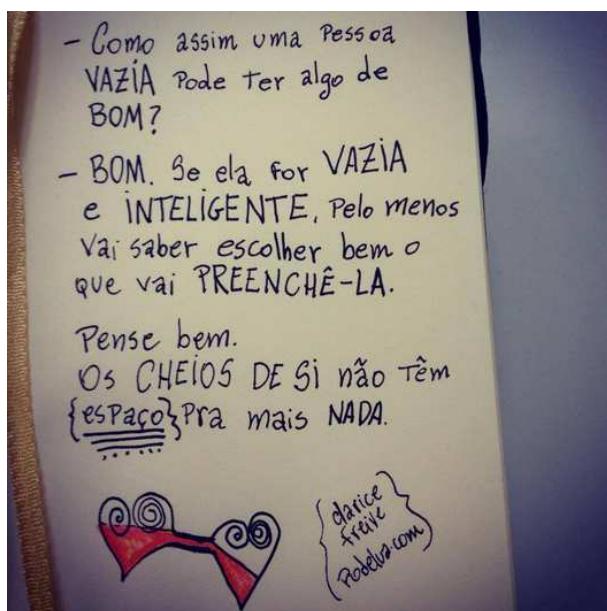
⁵ “Para dor, a morfina. Para o amor, a dor fina.”

3.1.2 Página Pó de Lua

Pó de Lua é uma página de poesia do Facebook que conta com mais de 960 mil fãs. Clarice Freire, a autora, compartilha, todos os dias, pelo menos um poema, escrito a mão e colorido a lápis em seu caderno pessoal. Na descrição encontramos o seguinte texto: “Blog que leva um pouco de Pó de Lua para os pés e diminui a gravidade das coisas. Uma ponte entre a caneta, um Moleskine e o Instagram” (Página Pó de Lua no Facebook, 2014).

Para análise foram escolhidos os cinco *posts* com maior audiência do mês de Fevereiro de 2014, a seguir:

Figura 6: Post do dia 3 de fevereiro de 2014 selecionado para análise⁶

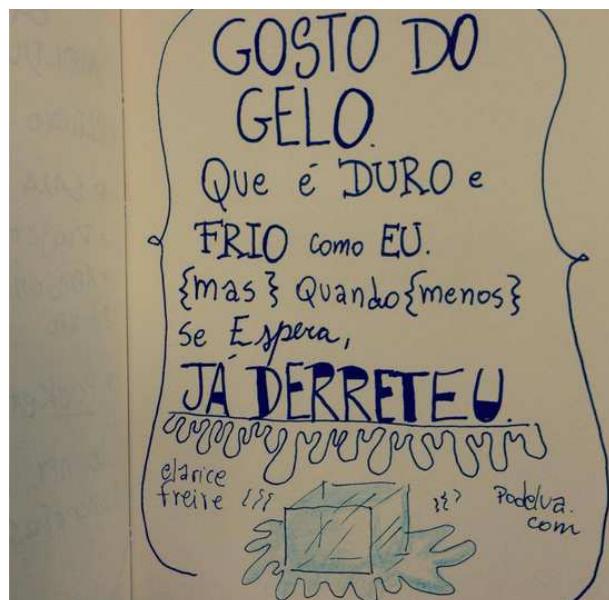


No poema da Figura 6 fala-se do sentimento de completude. A expressão ‘cheia de si’ usada no sentido de ‘convencido’, ‘extremamente auto-suficiente’, é também atribuída como o contrário de vazio. As pessoas que têm essa característica são colocadas em desvantagem, pois nunca se abrem a novas oportunidades, vivem em um mundo já encerrado. Ele também

⁶ “–Como assim uma pessoa vazia pode ter algo de bom? –Bom. Se ela for vazia e inteligente, pelo menos vai saber escolher bem o que vai preenchê-la. Pense bem. Os cheios de si não têm espaço para mais nada.”

fala sobre escolhas, colocando a dúvida e a exploração de possibilidades como uma oportunidade de escolha e de construção do ‘eu’. Essa mensagem foi ‘curtida’ por 25.026 pessoas, compartilhada por 22.407 e comentada por 307.

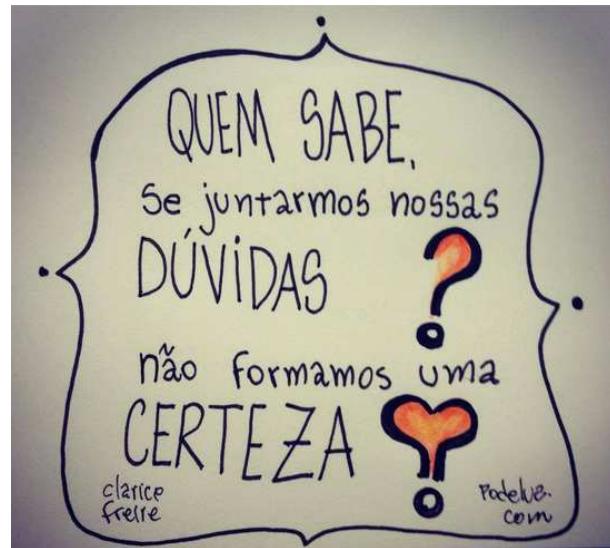
Figura 7: Post do dia 7 de fevereiro de 2014 selecionado para análise⁷



No *post* da Figura 7 fala-se daqueles muito sérios (duros e frios como gelo), aparentemente, mas que no fundo são surpreendentemente sensíveis. Podemos perceber também o conflito entre a postura que se espera das pessoas no mundo (em relação ao seu trabalho e seus relacionamentos) como fator que causa o apagamento da essência sensível, aos poucos endurecida pela realidade. Esse conteúdo foi ‘curtido’ por 20.000 pessoas, compartilhado por 11.166 e comentado por 341.

⁷ “Gosto do gelo. Que é duro e frio como eu. Mas quando menos se espera, já derreteu.”

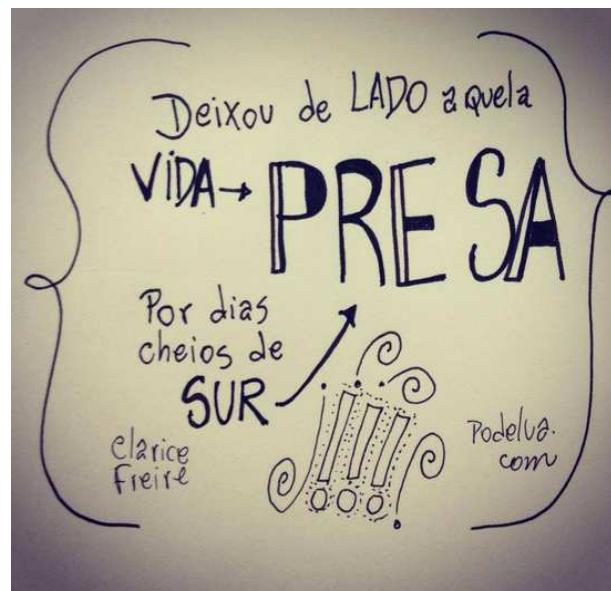
Figura 8: Post do dia 24 de Fevereiro de 2014 selecionado para análise⁸



No poema da Figura 8 fala-se do encontro entre duas pessoas que tem muitas dúvidas. Essa conexão abre a possibilidade de encontrar uma resposta, juntos. Entende-se que alguém solitário, perturbado por suas questões, tem seu problema solucionado ao compartilhá-las com outro alguém também incerto. Essa mensagem foi 'curtida' por 16.999, compartilhada por 12.972 e comentada por 392.

⁸ “Quem sabe se juntarmos nossas dúvidas não formamos uma certeza?”

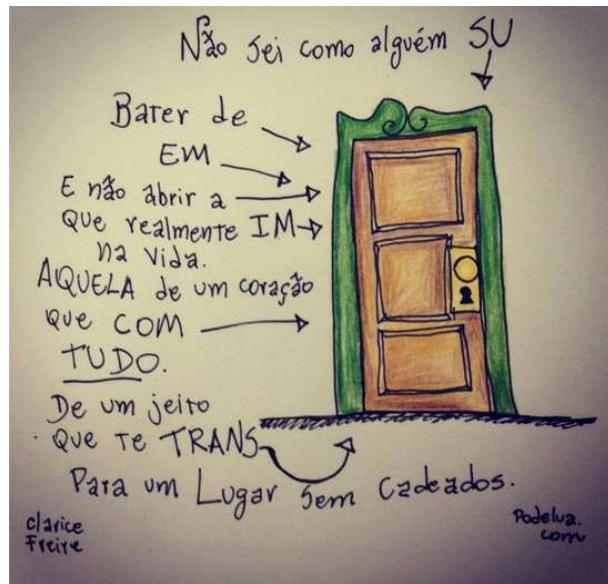
Figura 9: Post do dia 15 de fevereiro de 2014 selecionado para análise⁹



No *post* da Figura 9 elabora-se sobre uma mudança de estilo de vida. A atitude de deixar de lado um cotidiano engessado, repetitivo, sem novidades, confortável, para adotar uma nova postura que leve a lidar com situações novas todos os dias. Esse conteúdo foi ‘curtido’ por 5.896 pessoas, compartilhado por 3.890 e comentado por 51.

⁹ “Deixou de lado aquela vida presa por dias cheios de surpresa.”

Figura 10: Post do dia 11 de fevereiro de 2014 selecionado para análise¹⁰



No poema da Figura 10 faz-se uma crítica à trajetória de vida que não persegue o amor verdadeiro, fica somente em trânsito, sem nunca dar valor ao encontro de uma relação que faz transcender, sem limites. Apontam-se as pessoas que passam a vida inteira negligenciando essa conexão, se perdendo no que não é tão valioso, fechando-se para a dimensão sensível e para as experiências que essa vivência pode proporcionar; essas estão perdidas entre tantas possibilidades do cotidiano corriqueiro, se distraindo do real sentido da vida. Essa mensagem foi ‘curtida’ por 18.850 pessoas, compartilhada 15.096 e comentada por 367.

A obra de Clarice na página Pó de Lua é expressa, muitas vezes, no formato de diálogos sobre os mais diversos temas. E essa conversa continua nos comentários dos leitores que se identificam (ou não) com as histórias contadas, e exaltam sua capacidade de falar exatamente sobre o que eles estão passando ou pensando.

¹⁰ “Não sei como alguém suporta bater de porta em porta e não abrir a porta que realmente importa na vida. Aquela de um coração que comporta tudo. De um jeito que te transporta para um lugar sem cadeados.”

3.2 Análise da pesquisa qualitativa com os fãs

Buscando entender melhor o fenômeno da poesia no Facebook foi feita uma pesquisa qualitativa com os fãs das páginas que escolhemos como estudo de caso: Eu me chamo Antônio (Apêndice A) e Pó de Lua (Apêndice C) através de um formulário construído pela ferramenta Google. Objetivando o entendimento da motivação das pessoas em interagir com esse conteúdo poético, foram aplicados questionários a 12 pessoas, seis referentes a cada página.

Partimos de um universo pesquisado no qual todos já tinham o hábito, alguns mais outros menos, de ler poesia, pois escolhemos pessoas que já eram vinculadas às páginas estudadas.

3.2.1 Pesquisa sobre a página Eu me chamo Antônio

Tabela 1: Resultado da primeira parte da pesquisa qualitativa com fãs da página Eu me chamo Antônio¹¹

| 1. Onde você lê poesia? | 2. Como conheceu a página? | 3. Com que frequência você vê seu conteúdo? | 4. Você acessa a página ou os posts aparecem em seu <i>feed</i> de notícias? | 5. Como você costuma interagir com essa página? |
|---|----------------------------|---|--|---|
| Livros de papel, sites e redes sociais. | Por amigos do Facebook. | Sempre que ele posta no Instagram ou quando leio seu livro. | Aparecem em meu <i>feed</i> de notícias. | Curtindo e compartilhando. |

¹¹ Dados resultados de pesquisa de elaboração própria encontrada no Apêndice A, respostas no Apêndice B.

| | | | | |
|---|-------------------------|--|--|--|
| Livros de papel, blogs e redes sociais. | Por amigos do Facebook. | Quase todos os dias, costumo visitar a página pelo menos três vezes na semana. | Visito a página diretamente. | Curto, compartilho e envio por mensagem para família, amigos e namorado. |
| Sites, blogs e redes sociais. | Por amigos do Facebook. | Quase todos os dias porque é muito compartilhada pelos meus amigos. | Aparecem em meu <i>feed</i> de notícias. | Curtindo. |
| Redes sociais. | Por amigos do Facebook. | Duas a três vezes por semana. | Aparecem em meu <i>feed</i> de notícias. | Sempre curto, às vezes compartilho. |
| Redes sociais. | Pelo Facebook. | Sempre que ele posta no Instagram. | Aparecem em meu <i>feed</i> de notícias. | Sempre curto e às vezes compartilho. |
| Redes sociais, sites e blogs. | Pelo Facebook. | Duas a três vezes na semana. | Aparecem em meu Feed de notícias. | Curtindo, compartilhando e marcando amigos. |

A primeira pergunta do questionário nos permite observar que, dentro do universo pesquisado, as pessoas que leem poesia na Internet não tinham um contato habitual com o gênero em livros de papel: quatro das seis revelaram ser leitores, exclusivamente, de blogs, sites e redes sociais, revelando o caráter recente do fato.

O pseudônimo de Pedro, Antônio, começou a atuar exclusivamente no Facebook e foi justamente esse canal que o alçou ao reconhecimento. Esse fenômeno se espalhou através da rede de amigos: todos os pesquisados revelaram ter conhecido a página dessa maneira, através de alguém que os influenciou, o que foi suficiente para o conteúdo se tornar viral. Fica evidente, nesse aspecto, a importância do papel das comunidades virtuais no que tange à

eleição do que é relevante e interessante para seus membros.

Na terceira pergunta fica evidente a recorrência com que as mensagens na página Eu me chamo Antônio atingem seu público. Seus textos são vistos pelos leitores com uma frequência alta, o que aumenta a audiência da página e a influência desse conteúdo sobre os fãs. Seja através do compartilhamento de amigos no Facebook ou no Instagram a obra de Antônio alcança as pessoas e, inclusive, as acompanha no dia a dia em seus celulares.

O *feed* de notícias do Facebook funciona a partir de um algoritmo complexo. Dentre as variáveis sabidas que determinam o que será mostrado para cada usuário estão: seu padrão de navegação (as páginas que costuma visitar e como costuma interagir), o padrão de navegação de seus amigos (o que eles visitam e como interagem) e o seu nível de relacionamento com esses amigos (o programa entende que as ações das pessoas com as quais você interage mais são, proporcionalmente, de maior relevância para você). Sendo assim, observando as respostas à pergunta 4 podemos concluir que o conteúdo da página Eu me chamo Antônio faz parte da lista de interesse dos pesquisados, seja por influência maior dos amigos, seja pelos hábitos próprios de leitura de páginas, o fato é: todos são impactados muito frequentemente pelos poemas.

Dentro das ferramentas possíveis do Facebook o usuário pode: ‘curtir’, comentar, marcar amigos e compartilhar. Essas ações mostram, na respectiva ordem em que foram apresentadas, diferentes níveis de engajamento, do menor para o maior. Na pesquisa cinco pessoas revelaram compartilhar as postagens da página, o que mostra que, além da empatia com o conteúdo (o que equivaleria a ‘curtir’, somente) esse usuário é ainda um propagador da mensagem, mostrando alto nível de identificação.

Após essas cinco perguntas foi apresentada ao grupo pesquisado uma sequência de poemas formada pelas Figuras 1, 3 e 4 (essa escolha justifica-se pelas diferentes temáticas de cada um), para que as pessoas divagassesem, falassem ao que a imagem e o texto lhe remetiam, expressassem seus gostos, lembranças e anseios.

Sobre a Figura 1 falou-se que expressa “o lado bom do caos”. Outros comentários foram “A sensação que tenho é a de um sorrisinho de canto de boca e aquela coisa bonita de pensar sobre quem a gente já encontrou depois de se perder por aí”; “O poema me lembra a forma como conheci meu namorado: numa situação bastante inesperada e num momento da vida um pouco conturbado. O amor não tem hora e nem lugar para acontecer. E o mais divertido disso é justamente ser pego de surpresa” e “Vejo a valorização de uma forma não

padrão de ação. É justamente quando tudo dá errado do ponto de vista do ‘senso comum’ que o encontro mágico de caminhos se dá.” Todos os pesquisados remontaram situações já vividas, exaltando a contradição entre o sentimento do amor e a situação, aparentemente desfavorável, em que ele se dá. Nesse sentido, a desordem e o não-controle, normalmente mal vistos, trazem frutos doces e surpreendentes.

Já, quando os pesquisados foram convidados a pensar sobre a Figura 3, surgiu a fala: “Amar é dividir, compartilhar, ensinar e, principalmente, aprender com o(s) outro(s), sobre o(s) outro(s) e sobre si mesmo”; a concepção de amor revelada aqui é romântica, envolvendo o conhecimento profundo do outro, através de uma experiência de troca. Outras duas declarações que surgiram foram essas: “Me agradam temas ‘bobos’ como o amor” e “É uma esperança, algo como o amor não se encaixa no tempo do relógio. O tempo de trabalhar, estudar, dormir, comer é um, o do amor é subjetivo e totalmente relativo”. Na primeira o sentimento é desqualificado quanto a sua seriedade, como se não fosse direito ocupar-se dele; na segunda, o mesmo objeto é visto com olhos de esperança, revelando uma incompatibilidade ao *modus operandi* utilitarista do cotidiano.

Já a Figura 4 foi identificada como “uma crítica ao comportamento humano”; resultando em declarações interessantes, como a seguinte: “Lendo os versos acima, ao mesmo tempo em que me identifico com a nostalgia de avaliar o passado, convenço a mim mesma de que isso é perda de tempo e que o melhor a fazer é sair por aí ‘errando’ por aquilo em que acredito.” Nessa reflexão observa-se uma percepção dicotômica entre o que é o ‘certo’ e o que ‘se acredita’, classificando, automaticamente, as ações legítimas como ‘erradas’. A resposta de outra pessoa trouxe o seguinte comentário: “Às vezes fazemos as coisas muito no automático, por uma sensação de obrigação, por costume, para seguir padrões. Mas as pessoas são diferentes e não há apenas uma fórmula de sucesso. Quando descobrimos não nos encaixar nesse modelo fazemos uma retrospectiva e descobrimos que o certo para a maioria pode não ser o certo para nós. Então, apesar de serem vistos como ‘acertos’, para nós foram erros, porque não nos satisfez.” Aqui percebemos o conflito entre o que a sociedade, como um todo, estabelece como padrão e os valores individuais, evidenciando a singularidade de cada ser em detrimento de um único modo de vida elencado como ideal.

Em seguida, foram apresentados outros três poemas para que as pessoas elegessem seu preferido, expondo suas razões. Eram os seguintes:

Figura 11: Post do dia 16 de março de 2014 apresentado na pesquisa¹²



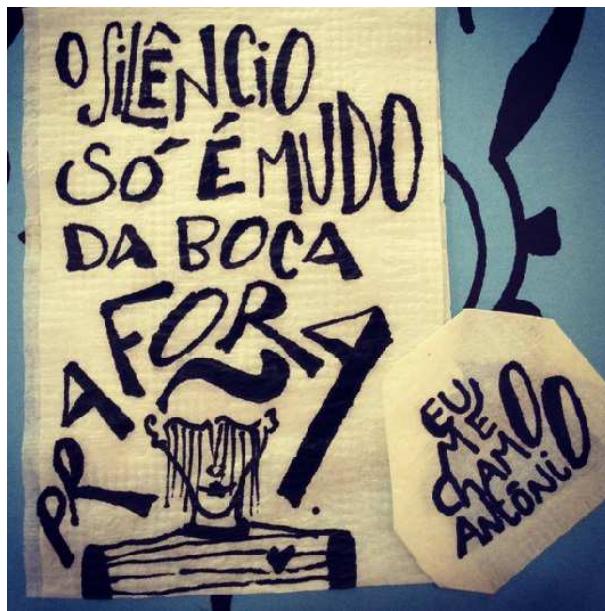
Figura 12: Post do dia 16 de março de 2014 apresentado na pesquisa¹³



¹² “Deu pane no serve dor. Ninguém reclamou.” - O jogo com os elementos gráficos permite a leitura em destaque da palavra “amou”, assim como “serve dor” é a palavra ‘servidor’ separada de maneira criativa e em consonância com a temática do poema, nesse sentido, podemos entender que só se ama quando o serve dor funciona; o sentimento provoca, eminentemente, a dor.

¹³ “Não gosto de vírgula: sou um rebelde sem pausa.” – Esse poema se articula com a frase popular : “sou um rebelde sem causa.”

Figura 13: Post do dia 10 de fevereiro de 2014 apresentado na pesquisa¹⁴



A escolha unânime foi pelo poema da Figura 13, que resultou nos seguintes comentários: “Ele expõe uma verdade inconveniente que as pessoas nunca param pra pensar: silêncio dói pra caramba pra quem sente, mas o mundo quase nunca percebe. Esse foi, de longe, o que mais me incomodou/emocionou”; “Conhecer outra pessoa intimamente é conhecer os seus silêncios. É saber o que eles omitem ou o que pedem”; “Ele expressa uma coisa muito íntima e verdadeira. Em um mundo em que as pessoas estão sempre emitindo opiniões editadas, se preocupando em criar um ‘personagem’ há um tipo de conversa, a interna, que ninguém nunca ouve, somente nós, e é geralmente nesse momento que somos sinceros e verdadeiros, não pensando no julgamento dos outros, apenas sentindo.” Aqui fica evidente a questão da identificação, como se Antônio conseguisse compreender em profundidade o não-dito de cada um; além disso, evidenciou-se também a fronteira entre o mundo e o ‘eu’, em um verdadeiro desajuste.

Outros comentários muito interessantes foram feitos abordando o conjunto da obra e estilo de Antônio: “Ele tem dessa coisa de fazer a gente visitar um porão sentimental, não tem? A minha impressão é que sempre me pego visitando algum sentimento abafado ou escondido, coisas que passam despercebidas no cotidiano, mas que se escancaram”; “Seus poemas despertam em mim reflexões sobre a vida. Gosto dos guardanapos porque me fazem

¹⁴ “O silêncio só é mudo da boca para fora.”

pensar sobre trabalho, família, vida amorosa. Eu me pego pensando sobre o caminho que estou seguindo”; “Faz a gente pensar, dá um nó, tem aquela pausa dramática” e “Brinca com ditados e frases feitas, quebra a expectativa.” Todos exaltam a reflexão que a leitura de seus poemas causa, proporcionando um momento de vida genuíno, uma pausa para um diálogo interno, uma quebra na rotina de conteúdos repetitivos e rasos.

3.2.2 Pesquisa sobre a página Pó de Lua

Tabela 2: Resultado da primeira parte da pesquisa qualitativa com fãs da página Pó de Lua¹⁵

| Onde você lê poesia? | Como conheceu a página? | Com que frequência você vê seu conteúdo? | Você acessa a página ou os posts aparecem em seu <i>feed</i> de notícias? | Como você costuma interagir com essa página? |
|--|---------------------------------------|--|---|--|
| Livros de papel, blogs, redes sociais e sites. | Pesquisando no Facebook. | Quase todos os dias. | Eu acesso a página diretamente. | Curtindo e compartilhando. |
| Redes sociais e sites. | Amigos do Facebook. | Algumas vezes por mês. | Aparecem em meu <i>feed</i> de notícias. | Curtindo. |
| Blogs, sites e redes sociais. | Pesquisando no Facebook. | Duas a três vezes na semana. | Aparecem em meu <i>feed</i> de notícias. | Curtindo e compartilhando. |
| Sites e redes sociais. | Pesquisando sobre poesia na Internet. | Duas a três vezes na semana. | Aparecem em meu <i>feed</i> de notícias. | Curtindo. |
| Blogs, redes sociais e sites. | Amigos do Facebook. | Quase todos os dias. | Eu acesso a página diretamente. | Curtindo, compartilhando |

¹⁵ Dados resultados de pesquisa de elaboração própria encontrada no Apêndice C, respostas no Apêndice D.

| | | | | |
|--|---------------------------------------|----------------------|---------------------------------|----------------------------|
| | | | | e marcando amigos. |
| Livros de papel, blogs, redes sociais e sites. | Pesquisando sobre poesia na Internet. | Quase todos os dias. | Eu acesso a página diretamente. | Curtindo e compartilhando. |

Começando a análise da pesquisa pela primeira pergunta revela-se que os fãs da página Pó de Lua não tinham um hábito antigo de leitura de poesia, quatro das seis pessoas responderam serem leitores do gênero nos meios digitais: sites, blogs e redes sociais.

O caminho feito por esses usuários para chegar até o conteúdo especificamente analisado nos mostra que o público que gosta da página tem um interesse maior em poesia, comparativamente aos leitores de Eu me chamo Antônio, pois a maioria chegou nela através de pesquisas próprias por conteúdo poético. Essa lógica se mantém na questão da frequência com que veem o conteúdo, que é alta; e na maneira de acessá-lo: ativa (acessando a página diretamente) ou então lendo no *feed* de notícias (o que revela um padrão de navegação compatível com o conteúdo nos quesitos já apresentados anteriormente). A maioria dos pesquisados revelou também ter empatia com o conteúdo, através do ‘curtir’; e identificar-se com o mesmo a ponto de compartilhá-lo (um nível acima do ‘curtir’).

Após essas cinco perguntas foi apresentada ao grupo pesquisado uma sequência de poemas formada pelas Figuras 7, 8 e 9 (esses foram escolhidos por abordar diferentes assuntos) para que as pessoas refletissem, revelassem o que a imagem e o texto lhes traziam ao pensamento.

A partir da Figura 7 surgiram os seguintes comentários: “Esse sujeito fez uma troca e tanto! Deixou de lado uma vida padronizada, planejada, quase-morta. Ele se fechava tanto para não ser atingido por coisas ruins, que nunca se permitiu encontrar coisas boas, ao acaso. Quando, então, opta por outro tipo de vida, em que se vive o presente, se coloca em risco, ele surpreende-se positivamente e isso vira parte de sua nova rotina. É uma questão de energia, de estar aberto ao que a vida tem para oferecer. Por isso temos memória, para guardar diferentes momentos vividos; caso contrário seríamos amebas, o que alguns já estão virando, se me

permite o desabafo”; “Esses versos me lembram os sonhos que a gente tem e fica adiando. Todas as expectativas que queremos alcançar, mas trocamos por algum emprego careta, por alguma atitude formatada. Me lembra que é necessário chutar isso tudo para ser feliz de verdade. Inclusive me inspira a fazer isso.” Nessas declarações podemos perceber que, seja pelo reconhecimento de um padrão de ação do outro ou de si próprio, as pessoas conseguiram fazer uma identificação; e no segundo caso, o poema serve até como ferramenta de reflexão e motivação.

Analisando os comentários sobre a Figura 8 tivemos os seguintes depoimentos: “Quando leo essa poesia lembro da minha forma de amar, da minha insistente mania de ter crises existenciais e lembro das pessoas que têm as mesmas questões filosóficas/espirituais/amorosas que eu”; “Nossos anseios mudam de acordo com a fase da vida, mas o questionamento está sempre lá. Quando encontramos alguém especial, por mais que este não responda pronta e especificamente todas às suas perguntas, o encontro de pensamentos iguais já é muito precioso. Nesse ambiente, então, é muito mais fácil encontrar soluções. Isso é ser humilde e ser humano. Às vezes tenho a impressão de que a vida de todos a minha volta é perfeita, então, quando encontro alguém inquieto e que mostra isso sem vergonha, é quase um alívio.” Podemos perceber que, invariavelmente, ocorre uma identificação e imprimi-se um tom de angústia aliviada ou de revelação nessas falas, como se finalmente fosse permitido admitir que não sabe ao certo a resposta.

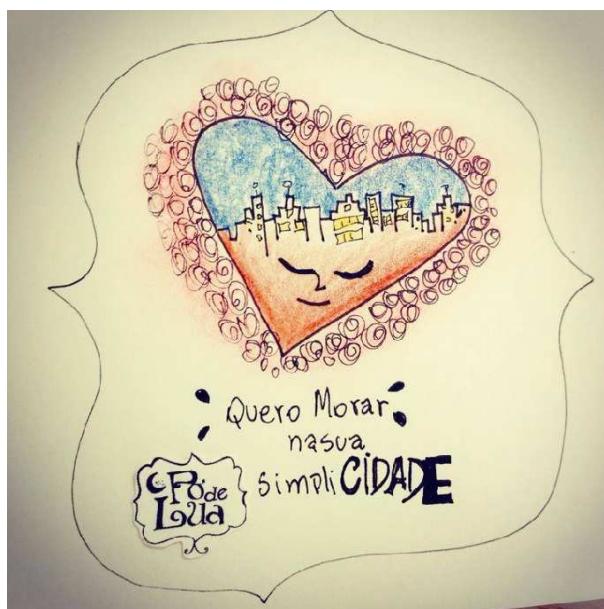
Já sobre a Figura 9 disseram o seguinte: “Essa me lembra um pouco de mim mesma, mas me lembra muito mais de alguns amigos. Acho que transformaria esses versos em um cartão para dar de presente. Para fazer as pessoas que são assim rirem de si mesmas. Eu tenho vontade de sorrir quando leo”; “Essa é uma pessoa que vive de aparências, talvez fatores externos a façam assumir esse papel, para se enquadrar. Mas no fundo, sua essência é de sensibilidade pura, ela só não se sente a vontade para mostrar, de repente por falta de abertura de quem está, ou passa, a sua volta. Acho que todos temos essa característica de ‘cubo de gelo derretido’ naturalmente, mas os caminhos para acessá-la é que são diferentes. Me lembra um pouco o metrô: várias pessoas no padrão carrancudas e desconfiadas, mas basta que um músico ou uma criança entre para que os sorrisos se desvendem.” Aqui surgem diferentes perspectivas, mas um fator permanece o mesmo: o reconhecimento que a ‘dureza’ como característica é uma defesa inicial, uma casca que, com muito pouco esforço, se desfaz e revela a essência boa de cada um.

Por último foram apresentados outros três poemas para que as pessoas elegessem seu preferido, expondo suas razões. Eram os seguintes:

Figura 14: Post do dia 15 de março de 2014 apresentado na pesquisa¹⁶



Figura 15: Post do dia 10 de março de 2014 apresentado na pesquisa¹⁷



¹⁶ “–Hoje em dia as pessoas só acreditam no que veem. Tiram foto de tudo. – Se não virem não existiu. – Nessas horas eu penso no vento. –E me pergunto se vão parar de respirar.”

¹⁷ “Quero morar na sua simplicidade.” – O trabalho com os elementos gráficos leva também à leitura “Quero morar na sua simples cidade.”

Figura 16: Post do dia 12 de março de 2014 apresentado na pesquisa¹⁸



Dois poemas foram mencionados nas respostas. Quatro pessoas elegeram o poema da Figura 15, justificando com a delicadeza do texto, uma das respostas foi: “É simples e bonito, me faz lembrar de mensagens inspiradoras nos muros das grandes cidades. É um ‘poema-sensação’, me faz sentir abraçada.” Outras duas escolheram a mensagem da Figura 16, que é propositalmente construída (com o auxílio de elementos gráficos) como: “não aceite quando só lhe dão”, uma dizendo o seguinte: “Esse é um convite a vontade de viver, a atividade! Ele diz não a passividade, te estimula a parar de somente aceitar tudo o que os outros lhe dão e ir buscar por conta própria. Me lembra também a questão do amor próprio: não ter um relacionamento não é sinônimo de falta de amor na vida, pois temos que saber nos amar e nos bastar também.”

Nas declarações surgiram também comentários sobre o estilo de Clarice Freire como escritora e sobre o tom que seus poemas adotam: “Engraçado como sempre reconheço personalidades nos poemas dessa menina, tenho vontade de enviar para um amigo diferente toda vez que leio, dizendo ‘isso é tão você!’ ” e “Gosto de jogo de ‘sílabas’ que formam diferentes palavras usando pedaços em comum. Acho que essa é a principal ‘sacada’ do Pó de Lua, pois se torna mais dinâmico que ler uma poesia que vai de linha por linha, é quase uma brincadeira!”.

¹⁸ “Não aceite quando solidão.”

4 UM PARALELO COM O MUNDO PÓS-MODERNO¹⁹

4.1 O pensamento pós-moderno

Neste trabalho faz-se importante elaborar sobre o conceito de pós-modernidade porque este é o contexto em que iremos inserir o estudo do fenômeno da poesia no Facebook, considerando-o como ambiente de produção e repercussão desse tipo literário. Esse discurso surgiu na década de oitenta do século passado e é tido por d'Amaral (2010) como não-unitário, não circunscrito em uma escola, não-defensor de doutrinas, apresentando verdadeiras dificuldades de ser encontrado em sua forma discursiva pura. Por isso, buscando lançar uma luz sobre esse conceito, iremos percorrer seis aspectos que irão nos ajudar a caracterizar esse pensamento: os valores e as instituições, a velocidade, a identidade, o indivíduo, o consumo e os eixos.

4.1.1 Os valores e as instituições

O pensamento pós-moderno põe por terra uma série de valores presentes na sociedade moderna. Uma visão imediatista se instaura, fazendo com que objetivos de longo prazo passem a ser vistos como ‘perda de tempo’; além disso, o bem-estar do grupo perde lugar para a satisfação individual; estes e outros aspectos que iremos discutir a frente foram classificados por Bauman (2009, p. 64) como características de uma sociedade ‘líquida’, conforme vemos no trecho do mesmo a seguir:

Em suma, a sociedade de consumo líquido-moderna despreza os ideais de ‘longo prazo’ e de ‘totalidade’. Num ambiente que promove os interesses do consumidor e é por ele sustentado, nenhum desses ideais mantém o antigo poder de atração, encontra apoio na experiência cotidiana, está afinado com as reações treinadas ou se harmoniza com a intuição do senso comum. Assim, sendo, tais ideais tendem a ser substituídos pelos valores de gratificação instantânea e da felicidade individual.

¹⁹ A partir desde momento do presente estudo iremos caracterizar a ‘contemporaneidade’ como ‘pós-modernidade’. Essa especificação só se mostrou pertinente neste ponto do trabalho porque é no capítulo quatro, que se inicia, que iremos discutir em profundidade os significados e implicações deste termo.

O novo lugar de centralidade dado ao consumismo retira as antigas instituições (igreja, família, escola, comunidade) de seu papel de formação de caráter e identidade. O que antes eram direitos e deveres de um cidadão para se viver bem em grupo transformam-se em privilégios, especificamente, de consumo individual. Sobre a relação em comunidade Bauman (2009, p. 32) diz: “(...), os novos poderes normativos (‘societários’ e não ‘comunais’) se confirmaram amplamente a ordenar um espaço social (...). Ficou fora de suas preocupações o domínio das relações interpessoais, o microespaço da proximidade e do face a face.”

4.1.2 A velocidade

A noção de pós-modernidade traz também aspectos relativos à velocidade em sua construção, exaltando a transitoriedade, a mobilidade e a novidade em oposição à duração e à permanência. Uma atmosfera de ansiedade toma conta do cotidiano das pessoas, como esclarece Bauman (2009, p. 90):

Agora significa uma ameaça de mudança inflexível e inescapável que pressagia não a paz e o repouso, mas a crise e a tensão contínuas, impedindo qualquer momento de descanso; uma espécie de dança das cadeiras, em que um segundo de desatenção resulta em prejuízo irreversível e exclusão inapelável. Em vez de grandes expectativas e doces sonhos, o ‘progresso’ evoca uma insônia repleta de pesadelos de ‘ser deixado para trás’, perder o trem ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração.

A efemeridade também impõe nesse ambiente pós-moderno, uma vez que os mesmos aspectos atribuídos à tecnologia são estendidos para as ações humanas. Os ativos se transformam em passivos, as capacidades em incapacidades, as certezas em incertezas; tudo se torna obsoleto muito rapidamente, e isso ocorre não só com os objetos, mas também com as pessoas e seus modos de vida. Bauman (2009) nomeia esse processo de contínua superação de ‘destruição criativa’, alertando também sobre a escala global em que se dá essa corrida.

4.1.3 A identidade

A questão da identidade para o sujeito pós-moderno torna-se, verdadeiramente, problemática. Com o enorme leque de características disponíveis no mercado mundial das personalidades a obrigatoriedade de construir-se como sujeito único e excepcional toma seu tempo e energia. Por outro lado, o caráter temporário e maleável desse mesmo sujeito o permite transformar-se muito rápido e facilmente, fazendo uma verdadeira reciclagem através das redes de ciberconexões; por exemplo: hoje, para tornar pública a informação do fim de um relacionamento ou de um novo emprego basta alterar seu *status* nas redes sociais (parte da veracidade dessa informação é atribuída, simplesmente, à sua exposição; o concreto é rompido e entra no seu lugar o puramente discursivo). Mas, de qualquer maneira, a necessidade e urgência dessa escolha trazem angústia; segundo Bauman (2009, p. 13):

No topo, o problema é escolher o melhor padrão entre os muito atualmente em oferta, montar as partes do kit vendidas separadamente e apertá-las de uma forma que não seja nem muito frouxa (para que os pedaços feitos, defasados e envelhecidos que deveriam ser escondidos embaixo não apareçam nas costuras) nem muito apertada (para que a colcha de retalhos não se desfaça de uma vez quando chegar a hora do desmantelamento, o que certamente acontecerá). No fundo, o problema é apegar-se firmemente à única identidade disponível e manter juntos seus pedaços e partes enquanto se enfrentem as forças erosivas e as pressões dilaceradoras, consertando os muros que vivem desmoronando e cavando trincheiras cada vez mais fundas.

Na modernidade, quando o tempo caminhava mais lentamente, a identidade era um legado e dizia respeito à trajetória de vida que se construía com comprometimento, eram as ações que determinavam o caráter dessa pessoa, aspectos como honra e palavra eram importantes para seu reconhecimento social; na atualidade, o contraponto se dá na seguinte medida: a repercussão vem antes do fato, e este mesmo, muitas vezes, nem é real. O resultado disso, em longo prazo, é a fragilidade das personalidades, que não se sustentam para além do que se fala sobre alguém. Antes o sujeito tinha uma vida real, hoje, ele não herda nada, apenas renasce diversas vezes e se liquefaz logo em seguida na ausência de um céu verossímil em que acreditar.

4.1.4 O indivíduo

O termo ‘indivíduo’ apareceu no pensamento da sociedade ocidental no século XVII, mas somente no contexto da pós-modernidade é que esta figura tornou-se o centro da lógica social. É na existência dessa pequena unidade de significação que a eternidade será comprimida, colocando uma sombra sobre os aspectos coletivos da vida, conforme podemos compreender nesse trecho de Bauman (2009, p. 31):

O emergir da individualidade assinalou um progressivo enfraquecimento, a desintegração ou a destruição da densa rede de vínculos sociais que amarrava com força a totalidade das atividades da vida. Assinalou também que a comunidade estava perdendo o poder – e/ou interesse – de regular normativamente a vida de seus membros.

A busca da felicidade se dá, agora, como resultado de uma tarefa totalmente privada, uma procura incessante em um bazar de itens que gritam, mas nenhuma voz se destaca de forma suficientemente audível. A retroalimentação da insatisfação consigo mesmo e essa luta pela singularidade são o motor da produção e do consumo de massa. A seleção dos aspectos que irão construir essa individualidade (dentro de uma gama super diversificada e globalizada) pode dar a impressão de que, ao fim, teremos pessoas completamente diferentes entre si, mas não é o que acontece. Elas serão estritamente semelhantes, pois, segundo Bauman (2009), a estratégia de vida é a mesma: utilizar-se de signos comuns e reconhecíveis para convencer uns aos outros que estão se construindo em seu ineditismo.

4.1.5 O consumo

Em uma sociedade fundamentada sobre valores transitórios a forma de adquirir novas virtudes, construir-se como sujeito e desfazer-se de possíveis inconvenientes a uma imagem zelada não poderia exigir muitos entraves. A via que leva a todas essas possibilidades é o consumo, um pilar importantíssimo na construção da liquidez do pensamento pós-moderno.

Os mais profundos valores estão em uma prateleira, ao alcance das mãos, tornando-se igualmente úteis e descartáveis; assim como as pessoas, a separação entre estas e os objetos

são momentâneas e efêmeras, pois ambos estão sempre tendo que provar o seu valor de uso. Todos os aspectos da vida são mercantilizados e nenhum problema é tão grande que não possa ser resolvido através de uma nova compra, segundo Bauman (2009, p. 115):

A difusão de padrões de consumo tão amplos a ponto de abarcar todos os aspectos e atividades da vida pode ser um efeito colateral inesperado e não planejado da ubíqua e inoportuna ‘marketização’ dos processos da vida. O marketing penetra as áreas de existência que até recentemente estavam fora do reino das trocas monetárias e que não eram registradas nas estatísticas do PIB (...), o mercado alimenta sua ‘insaciável voracidade de crescimento redefinindo como ‘produtos’ setores inteiros anteriormente considerados partes das propriedades ‘públicas’, e que portanto não estavam à venda.

Consumir é o novo ‘modo de fazer’ na sociedade dos indivíduos que buscam, através disso, a instantânea solução para o quebra-cabeça da sua identidade. Essa é uma resposta amplamente divulgada; a mesma publicidade não se dá sobre o real funcionamento motor dessa engrenagem, segundo Bauman (2009, p.48): “O mercado sofreria um golpe mortal se o *status* dos indivíduos parecesse seguro, se suas realizações e propriedades fossem garantidas, se seus projetos se tornassem finitos.”

4.1.6 Os eixos

Os eixos fundamentais do pensamento moderno são destituídos na pós-modernidade, iremos abordar como se deram as derrocadas do fundamento, do real, da verdade e da história.

Esse processo ocorre em uma atmosfera, já apresentada anteriormente, regida pelos valores tecnológicos, a eficácia é o novo tom. Até meados do século XX as causas eram importantes para o desenvolvimento e reflexão sobre qualquer questão, pensava-se, analisavam-se os motivos de ser. Porém, depois desse período, o valor do olhar cuidadoso e abrangente decaiu e a nova medida tornou-se a eficácia, o importante é saber se funciona bem, se produz resultados, se é efetivo e só. Segundo Bauman (2009), em um mundo no qual o estilo empresarial e racional impera (na procura do lucro instantâneo, na administração de crises e na limitação de danos) tudo que não prove sua plena utilidade instrumental torna-se inconveniente.

Como em uma sequência de dominós empilhados, a queda do fundamento causa a queda, também, do real. Sem aquele este não se sustenta, não tem embasamento, essência ou

substância. No lugar do real surge o virtual, latente de possibilidades sensíveis, aguardando seu conjunto de potências pujantes se realizarem; segundo d'Amaral (2010, p.355):

(...) o fundamento e o real já não interessam, não dão conta daquilo de que se trata na cultura contemporânea. A eficácia dá. Medidos pela eficácia, e só então, o fundamento e o real acabaram. Perderam seu vigor. Deprimir-se. Quem os reivindica contra a eficácia é apenas ressentido. O ressentimento não pensa. Para começar um diálogo é necessária uma virtude mais viril.

Em seguida, desconstrói-se também a verdade: sem o fundamento e sem o real ela se torna infundada, perde todos os referenciais. A perda total de contato entre o real e sua representação caracteriza, então, a presença de imagens puras: simulacros, que não passam do ato de ‘fingir ter algo que não se tem’ (a verdade em si). D'Amaral (2010, p. 356) ilustra essa dinâmica na seguinte fala: “Não há mais nada. Sobrou apenas o mapa. Mapa de nada, representação de coisa alguma, não-mapa, portanto.”

Por fim, a história é o último eixo a desintegrar-se. Mas isso não deve ser entendido como uma consequência do pensamento pós-moderno, ao contrário, segundo d'Amaral (2010) esta é uma condição. Em um contexto de ininterruptos processos de superação, sofridos por pessoas e seus objetos (ou vice-versa), a trajetória do passado precisa desaparecer. O culto aos processos não cabe mais, o caminho percorrido não tem mais o seu valor referencial, o que importa agora é o local de chegada, o presente absoluto, a conquista do resultado final.

4.2 Pós-modernidade e poesia

A partir da noção de pós-modernidade apresentada no item anterior pensaremos, então, o fenômeno atual da produção poética no Facebook.

Vimos que o indivíduo pós-moderno está inserido, em seu cotidiano, em um contexto de extrema pressão: é preciso ser produtivo, bem-sucedido, eficaz, visto e admirado. A forma que ele tem de construir-se como impecável é o consumo e seu campo de atuação é a virtualidade, tudo que ele conquista pode tornar-se insignificante no minuto seguinte, começando uma nova busca pelo enquadramento.

Há de se pensar, então, o porquê da poesia ter encontrado campo tão fértil nesses tempos, mesmo cercada dessa lógica mercadológica completamente oposta a sua natureza, caracterizada por Bauman (2009, pg. 116) da seguinte maneira:

O mercado agora atua como intermediário nas cansativas atividades de estabelecer e cortar relações interpessoais, aproximar e separar pessoas, conectar-las e desconectar-las, datá-las e deletá-las do diretório de texto. Altera as relações humanas no trabalho e no lar, no domínio público assim como nos mais íntimos domínios privados. Reorienta e redistribui os destinos e itinerários das buscas existenciais de modo que nenhuma delas possa evitar a passagem pelos shopping centers.

Analizando as pesquisas qualitativas feitas neste trabalho foi possível levantar uma hipótese sobre o novo lugar que a poesia tem ocupado na vida das pessoas: não o da erudição, não o da segregação intelectual, mas sim o de válvula de escape de expressão do ‘eu’. Com uma abordagem psicológica e emocional da realidade, o gênero literário transpõe as barreiras do tempo cronológico e do espaço geográfico, falando diretamente ao sentimento.

A poesia é o espaço criativo desse indivíduo que, pelas vias costumeiras, não teria liberdade para expressar-se. Cada um cria na medida em que se identifica com o poema e atribui significação a uma vivência particular, esse momento de reflexão e apreensão dos acontecimentos (na contramão da utilidade) fala diretamente à sua essência; é um afago na sensibilidade, entendida como aspecto importantíssimo para a constituição de sua personalidade. No ambiente da poesia é permitido errar, desviar-se da rota e sonhar sem que isso resulte em ‘atrasos de vida’; aqui se pode explorar, questionar e experimentar, sem julgamentos. Nesse sentido, Bauman (2009, p. 27) nos apresenta uma consideração sobre os sentimentos:

Os sentimentos, ao contrário da razão, neutra, imparcial, compartilhada universalmente, ou pelo menos ‘compartilhável’, são meus e apenas meus, não são ‘impessoais’. Como não podem ser transmitidos numa linguagem ‘objetiva’ (pelo menos não totalmente, não para a plena satisfação nossa e de nossos ouvintes) nem ser compartilhados com outras pessoas de modo completo, sem resíduos, os sentimentos parecem o habitat natural de tudo que é totalmente privado e individual. Inerentemente subjetivos, eles são o próprio epítome da ‘singularidade’.

A partir desse pensamento do autor podemos traçar uma diferenciação entre o sentimento e a identidade, ambos aspectos extremamente individuais, mas que conservam diferenças essenciais: o primeiro é totalmente privado na medida em que cada pessoa é única, não há como seres diferentes terem as mesmas experiências; ele também ganha mais sentido

na medida em que entra em contato com pares, quando uma pessoa encontra outra que sinta o mesmo a experiência é extremamente enriquecedora, ambos se tornam mais fortes, pois a identificação atribui sentido maior ao que viveram. A forma como o mesmo processo se dá com a questão da identidade é extremamente diferente: apesar de também dizer respeito ao que é individual, a gama de ‘acessórios’ com os quais podemos nos construir, em tempo de globalização e Internet, é extremamente limitada e superficial (ao invés de favorecer a abundância ocorre a padronização de modelos dominantes); não há de se espantar, então, que só possam surgir daí uma combinação limitada de personalidades. A identidade na contemporaneidade não reage bem com a identificação: em um mundo onde todos querem sobressair-se e somente os melhores irão ocupar as posições de destaque, o encontro entre semelhantes em uma lógica da competição e eficácia é uma ameaça, segundo Bauman (2009, pg. 140): “(...) os relacionamentos estão se transformando rapidamente na principal fonte, aparentemente inexaurível, de ambivalência e ansiedade.”

Nota-se, então, uma insatisfação geral das pessoas com o efeito que esse novo modelo de vida tem em sua sensibilidade, a sua humanidade não tem espaço em um mundo utilitário. A manifestação dessa insatisfação não se dá apenas por meio de reclamações gratuitas (apesar de termos contato com várias expressões desse tipo no dia a dia), ela se dá também através da valorização de conteúdos que falem ao sentimento, que é o caso da poesia.

O espaço em que se dá o encontro dessa massa com o novo tipo de conteúdo procurado é a Rede. Vivendo em uma sociedade hiper-conectada é natural que esse fenômeno se dê na Internet, é nesse local que acontecem as reflexões interativas sobre todos os aspectos que são recalados pelo modo de vida real. A valorização do social é o retorno a um modo de vida comum no passado, que sofreu, como todas as esferas, o processo de mercantilização, segundo Bauman (2009, p. 195): “as imagens da boa vida, eram trivialmente sociais, já que o significado de ‘social’ nunca era posto em dúvida – não era ainda o ‘tema essencialmente contestado’, como viria a ser um dia, em consequência do golpe do Estado neoliberal.”

A Rede é propícia para esse tipo de encontro justamente por ser um espaço, com relevância cada vez maior, que está a margem das instâncias tradicionais de influência, segundo Castells (1999, pg. 461):

A inclusão da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integrada baseada na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitalizados têm consequências importantes para as formas e processos sociais. Por um lado, enfraquece de maneira considerável o poder simbólico dos emissores

tradicionais fora do sistema, transmitindo por meio de hábitos sociais historicamente codificados: religião, moralidade, autoridade, valores tradicionais, ideologia política.

O espaço virtual favorece, então, a formação de comunidades de indivíduos cujos interesses são consonantes. Laços que se formam, inicialmente por funcionalidade, evoluem para o apoio afetivo e solidário. Aqui, é permitido explorar todos os sentimentos recalcados, descobrir novas possibilidades de socialização e aconchegar-se entre semelhantes, sem medo de enfrentar barreiras de etnia, credo, classe social ou julgamentos quanto à funcionalidade desse processo.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho foi concebido com o objetivo inicial de investigar as razões pelas quais o conteúdo poético no Facebook tem se desenvolvido como um verdadeiro fenômeno. As páginas escolhidas para análise, Eu me chamo Antônio e Pó de Lua contam com 1.697.000 fãs interagindo e espalhando seu conteúdo, dando um verdadeiro impulso na carreira dos respectivos escritores Pedro e Clarice. Ambos já possuem nomes fortes na cena literária, estendendo o seu campo de atuação para livros impressos, vídeos e até camisetas.

Analizando o contexto em que essa produção se dá, a literatura e a WEB, foi possível perceber pontos de contato entre a natureza da poesia e da Rede: a importância do compartilhamento do conteúdo; os processos simbólicos de criação e percepção; e, por fim, o papel do usuário-leitor. Assim, compreendemos o porquê da junção desses dois aspectos ter resultado em um fenômeno tão notável de audiência.

Em um segundo momento, foi aplicada uma pesquisa qualitativa a uma pequena base de fãs das páginas estudadas. O processo, que visava desvendar as motivações da empatia com o conteúdo poético apresentado, resultou em declarações surpreendentes. As obras dos autores em questão proporcionam momentos de reflexão, lembrança, identificação, e declaração; nas palavras de um dos entrevistados: “tem dessa coisa de fazer a gente visitar um porão sentimental (...). A minha impressão é que sempre me pego visitando algum sentimento abafado ou escondido, coisas que passam despercebidas no cotidiano, mas que se escancaram.”

Por fim, foi feita uma elaboração sobre a pós-modernidade, inserindo o sujeito contemporâneo nessa lógica. Essa análise se mostrou acertada na medida em que os aspectos discutidos, como velocidade, eficácia, a decadência dos valores sociais, o utilitarismo, o individualismo, a substituição da essência pela aparência, a hiper-valorização do consumismo e a transitoriedade ficaram evidentes também nos discursos dos fãs entrevistados.

A poesia no Facebook se apresentou, então, como uma válvula de escape para o sentimento dos indivíduos pós-modernos que tinham esse aspecto extremamente recalcado pela abordagem eminentemente produtiva de suas vidas. A Rede permitiu, ainda, o processo de identificação coletiva e criação de vínculos entre seus usuários através da interatividade e da conectividade para além das barreiras geográficas.

A observação da poesia no Facebook como fenômeno traz perspectivas positivas sobre um retorno à valorização do sentimento e da essência, mostra que a humanidade das pessoas tem encontrado espaço para se expressar através da identificação pelo conteúdo estudado, como uma alternativa a uma realidade utilitária e veloz. Porém, a necessidade desse olhar mais sensível sobre a vida não deve se limitar ao ambiente virtual, ele deve transbordar e atingir a realidade; segundo Moisés a construção desta está no cerne do processo poético (1967, p. 225):

Assim, a poesia torna-se caudatária da realidade, ao mesmo tempo que esta segregava um discurso paralelo para comunicar-se: ao fim das contas, a realidade do mundo desenvolve-se dos dois discursos, o de sua própria identidade sem voz, e o poético, no qual o mutismo original adquire timbre e sentido. E se considerarmos que a realidade intrínseca do discurso poético é construída à imagem e semelhança da realidade do mundo, - como mimese - , compreende-se porque é a realidade do mundo que está em causa quando nos voltamos para o fenômeno poético a fim de perquirir-lhe a complexidade e a significação. A meta suprema, confessa ou não, é a realidade do mundo.

Para que a sensibilidade possa tornar-se o modo padrão e espontâneo de ação das pessoas frente aos acontecimentos, encontrando um cenário de receptividade em todos os aspectos de sua vida, é necessário integrar real e virtual como dimensões complementares, tornar-se um ser único e coerente; resta saber se esse é o desejo da maioria ou se a pura virtualidade real do sistema já as satisfaz. Castells (1999, p.459) caracteriza essa possibilidade da seguinte maneira: “as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência.”

Um passo importante a ser dado, então, para a continuação desse despertar é sair da Internet, onde todas as ações são demasiadamente fáceis (não demandando alto engajamento, basta clicar), e partir para a prática. Estamos na primeira fase da transformação, quando o processo está se dando internamente; a próxima pode ser a externalização dessa mudança através da consonância entre pensamento e ação, extravasando o campo virtual e revelando indivíduos íntegros e sensíveis em sua completude.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARI, Vito Di. **As dez características da WEB 2.0:** A Internet mudou, e você? Blog Blogando o Futuro. Disponível em: <<http://vitodibari.com/pt/dez-caracteristicas-da-web-20-internet-mudou-voce.html>>. Acesso em: 9 fev. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede.** 8. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999. Vol 1. A era da informação: economia, sociedade e cultura.

D'AMARAL, Marcio Tavares. **Sobre tempos e história** – o paradoxo pós-moderno. In SANTORO, Fernando (et. al) (ORG). Emmanuel Carneiro Leão. Coleção Pensamento no Brasil. Vol. 1. Rio de Janeiro: Hexis, 2010. p. 351-369.

FAGNER, Thiago. **Principais características da WEB 2.0.** Site Slide Share. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Dekster/principais-caractersticas-web-2-presentation>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

FERREIRA, Aurélio. **Dicionário Aurélio Online.** 2008. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com/>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

GORSKI, Ivan. **Características WEB 2.0:** Afinal, o que é WEB 2.0? Blog Ivan Gorski. Investindo na WEB. Disponível em: <<http://ivangorski.wordpress.com/2009/01/15/caracteristicas-web-20-afinal-o-que-e-web-20/>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

MAUSSAUD, Moisés. **A criação literária:** poesia. 1. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1967.

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0.** Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. Site O'Reilly. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 9 fev. 2014.

SCHACH, Débora. **Imbatível?** Facebook tem mais de 1,2 bilhão de usuários ativos, 945 mobile. Site Blue Bus. Disponível em: <<http://www.bluebus.com.br/imbativel-facebook-tem-de-12-bilhao-de-usuarios-ativos-945-milhoes-mobile/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

WEB 2.0. Site Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/informatica/web-20.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

WEB 2.0: O que traz de novo? Site Acessa SP. Disponível em: <http://www.acessasp.sp.gov.br/cadernos/caderno_10_01_p3.php>. Acesso em: 8 fev. 2014.

7 APÊNDICE

Apêndice A – Questionário Eu me Chamo Antônio

Questionário qualitativo sobre a produção poética no Facebook para Trabalho de Conclusão de Curso em Produção Editorial - Escola de Comunicação da UFRJ.

- 1)** Você costuma ler poesia?
- 2)** Onde?
- 3)** Como você conheceu a página Eu me chamo Antônio?
- 4)** Com que frequência você vê o conteúdo da página Eu me chamo Antônio?
- 5)** Você costuma acessar a página diretamente ou os *posts* acabam aparecendo em seu *feed* de notícias?
- 6)** Como você costuma interagir com essa página?
- 7)** Vou te mostrar três poemas do Eu me chamo Antônio e você me diz o que vem à cabeça, ok?

7.1) “Com tantos erros por aí, às vezes me pego corrigindo os meus acertos.”

7.2) “O amor também acontece quando é tarde demais.”

7.3) “Ás vezes o destino dá um nó. É aí que os nossos caminhos se cruzam.”

- 8)** Agora vou te mostrar mais três poemas e você me diz qual é de sua preferência, e por que.

8.1) “Deu pane no serve dor. Ninguém reclamou.”

8.2) “Não gosto de vírgula: sou um rebelde sem pausa.”

8.3) “O silêncio só é mudo da boca pra fora.”

9) E para terminar: Em que momentos do dia você acessa o Facebook?

Apêndice B – Respostas ao Questionário Eu me Chamo Antônio

1 – 6) Respostas na Tabela 1.

7.1) Pessoa 1: “Ele tem dessa coisa de fazer a gente visitar um porão sentimental, não tem? A minha impressão é que sempre me pego visitando algum sentimento abafado ou escondido, coisas que passam despercebidas no cotidiano, mas que aqui se escancaram. Nesse caso, pensei muito sobre aquela coisa da gente se ater às falhas e aos erros e se esquecer que houve algo bom e algumas vitórias no caminho.”

Pessoa 2: “Melancolia. Muitos poemas do Eu me chamo Antônio despertam em mim reflexões sobre a vida. Gosto dos guardanapos porque me fazem pensar sobre trabalho, família, vida amorosa.

Eu me pego pensando - e muitas vezes escrevendo também - sobre o caminho que estou seguindo. Procuro sempre fazer o que traz felicidade e realização, sem me prender muito ao que ‘poderia’ ter feito e acredito que este poema transmite isso. Lendo os versos acima, ao mesmo tempo em que me identifico com a nostalgia de avaliar o passado, convenço a mim mesma de que isso é perda de tempo e que o melhor a fazer é sair por aí ‘errando’ por aquilo em que acredito.”

Pessoa 3: “Gosto de como ele mistura os desenhos no guardanapo com os poemas, mas não me identifico com o poema a ponto de sentir algo específico.”

Pessoa 4: “Ironia, duplo sentido, cartas rasgadas.”

Pessoa 5: “Crítica ao comportamento humano.”

Pessoa 6: “Às vezes fazemos as coisas muito no automático, por obrigação, por costume, para seguir padrões. Mas as pessoas são diferentes e não há apenas uma fórmula de

sucesso. Quando descobrimos não nos encaixar nesse modelo fazemos uma retrospectiva e descobrimos que o certo para nós pode não ser o certo para a maioria. Então apesar de serem vistos como ‘acertos’, para nós foram erros, porque não nos satisfez.”

7.2) Pessoa 1: “Esse eu considero mais neutro. Bonito, esperançoso, tentando remontar aquele velho ditado de que ‘nunca é tarde demais’. Não mexeu tanto comigo, acho que ainda prefiro algo mais impactante. A estética dele também é mais limpa, com as ilustrações menos densas.”

Pessoa 2: “Muitas vezes o egoísmo impede que um amor aconteça. As pessoas têm uma capacidade incrível (e triste) de colocarem a si mesmas em primeiro lugar sempre, sem pensar em como podem ferir ou perder alguém com isso. Amar é dividir, compartilhar, ensinar e, principalmente, aprender com o(s) outro(s), sobre o(s) outro(s) e sobre si mesmo. Mas a capacidade de ver isso, às vezes, demora mais do que deveria...”

Pessoa 3: “Acho esse simples e bonito. Me agradam temas ‘bobos’, como o amor, tratado de forma simples.”

Pessoa 4: “Romance na idade adulta ou velhice, amor não correspondido.”

Pessoa 5: “Amor quando já não se tem esperança.”

Pessoa 6: “É uma esperança, algo como o amor não se encaixa no tempo do relógio. O tempo de trabalhar, estudar, dormir, comer é um o do amor é subjetivo e totalmente relativo.”

7.3) Pessoa 1: “Esse tipo de conteúdo remonta ao primeiro. Faz a gente pensar, dá um nó, tem aquela pausa dramática que acho importante no conteúdo do Pedro Gabriel. A sensação que tenho é um sorrisinho de canto de boca e aquela coisa bonita de pensar sobre quem a gente já encontrou depois de se perder por aí.”

Pessoa 2: “Um dos guardanapos que já curti da página! A brincadeira com as palavras e com os tropeços da vida combinam muito nos versos. O poema me lembra a forma como conheci meu namorado: numa situação bastante inesperada e num momento da vida um pouco conturbado. O amor não tem hora e nem lugar para acontecer. E o mais divertido disso é justamente ser pego de surpresa.”

Pessoa 3: "Gosto bastante desse, pois acho um poema bem visual, mas de forma simples, assim como foi representado no 'desenho'."

Pessoa 4: "Pessoas completamente opostas que se atraem, por obra do destino."

Pessoa 5: "O lado bom do caos."

Pessoa 6: "Mais uma vez vejo a valorização de uma forma não padrão de ação. É justamente quando tudo dá errado do ponto de vista do 'senso comum' do que é certo que o encontro de caminhos se dá."

8) Pessoa 1: "Prefiro o *post* sobre o silêncio. Minha preferência pessoal é sempre por assuntos mais densos e que falem sobre algo triste. Acho tão bonito isso de enxergar alguma beleza no que é triste, sabe? E ele ainda expõe uma verdade inconveniente que as pessoas nunca param pra pensar: silêncio dói pra caramba pra quem sente, mas o mundo quase nunca percebe. Esse foi, de longe, o que mais me incomodou/emocionou dos 3."

Pessoa 2: "O 3º poema é o que mais gosto. Sou apaixonada pelas palavras e o poder que elas têm de transmitir os sentimentos. Carregadas de emoções e sentidos, elas encantam e ferem com mais força do que muitos gestos. Em contrapartida, o silêncio tem uma força que supre muitas palavras. Conhecer outra pessoa intimamente é conhecer os seus silêncios. É saber o que eles omitem ou o que pedem. Responder uma pergunta com o silêncio é implorar para que o outro leia a sua mente e te poupe de colocar em voz alta o que está quase pulando do seu pensamento. Esse texto do Eu me chamo Antônio usa o paradoxo que eu mais gosto – palavra e silêncio - para brincar com a complexidade da comunicação humana."

Pessoa 3: "Escolha: 3. Não tenho um motivo muito específico, foi uma escolha por eliminação, pois não gosto nem um pouco do jogo de palavras do primeiro e nem da brincadeira com 'rebelde sem causa' do segundo. De qualquer modo, acho a ilustração do último mais poética."

Pessoa 4: "Gosto do número 3. Meus poemas preferidos da página são, geralmente, os que vêm acompanhados por ilustração. Na verdade, o que mais me atrai em primeiro lugar é a estética, é a disposição das palavras e ilustrações. Isso é o mais legal. Também gosto muito

quando ele brinca com ditados e expressões populares ou frases feitas, mudando palavras, como fez no número 2. Ele quebra totalmente a expectativa.”

Pessoa 5: “O número 3, que trata delicadamente do silêncio, que, para os outros, será sempre um silêncio, mas, para nós mesmos, pode ser um grande grito/angústia interior.”

Pessoa 6: “O *post* número 3 porque ele expressa uma coisa muito íntima e verdadeira. Em um mundo em que as pessoas estão sempre emitindo opiniões editadas, se preocupando em criar um ‘personagem’ há um tipo de conversa, a interna, que ninguém nunca ouve, somente nós, e é geralmente nesse momento que somos sinceros e verdadeiros, não pensando no julgamento dos outros, apenas sentindo.”

9) Pessoa 1: “O dia inteiro. Fico com ele ligado no mobile.”

Pessoa 2: “Todos os dias, quando chego em casa depois de um dia de aula e estágio, no computador.”

Pessoa 3: “Todos os dias no computador.”

Pessoa 4: “Todas as tardes no computador, geralmente quando estou trabalhando. À noite e aos finais de semana, apenas pelo iPod, mas não costumo navegar, só uso para conversar com amigos.”

Pessoa 5: “Quando estou em algum transporte público que demora.”

Pessoa 6: “Trabalho com isso, então acesso de manhã, a tarde e a noite, mas com intervalos porque não tenho versão mobile.”

Apêndice C – Questionário Pó de Lua

- 1)** Você costuma ler poesia?
- 2)** Onde?
- 3)** Como você conheceu a página Pó de Lua?
- 4)** Com que frequência você vê o conteúdo da página Pó de Lua?

5) Você costuma acessar a página diretamente ou os *posts* acabam aparecendo em seu *feed* de notícias?

6) Como você costuma interagir com essa página?

7) Vou te mostrar três poemas do Pó de Lua e você me diz o que vem à cabeça, ok?

7.1) "Quem sabe, se juntarmos nossas dúvidas não formamos uma certeza?"

7.2) "Deixou de lado aquela vida presa por dias cheios de surpresa."

7.3) "Gosto do gelo. Que é duro e frio como eu. Mas quando menos se espera, já derreteu."

8) Agora vou te mostrar mais três poemas e você me diz qual é de sua preferência, e por que.

8.1) “–Hoje em dia as pessoas só acreditam no que veem. Tiram foto de tudo. – Se não virem não existiu. – Nessas horas eu penso no vento. –E me pergunto se vão parar de respirar.”

8.2) “Quero morar na sua simplicidade.”

8.3) “Não aceite quando solidão.”

9) E para terminar: Em que momentos do dia você acessa o Facebook?

Apêndice D – Respostas ao Questionário Pó de Lua

1 – 6) Respostas na Tabela 2.

7.1) Pessoa 1: “Amo! Todos precisam de alguém para partilhar a vida e as incertezas. Se dará certo, só vem com o tempo.”

Pessoa 2: “Quando leio essa poesia lembro do amor, lembro da minha insistente mania de ter crises existenciais e lembro das pessoas que têm as mesmas questões filosóficas/espirituais/amorosas que eu tenho.”

Pessoa 3: “Me lembra o poema ‘Se’, da poeta Alice Ruiz.”

Pessoa 4: “Tem razão. Sempre somos cheios de dúvidas, cada fase da vida traz diferentes anseios, mas o questionamento é certo. Mas quando encontramos alguém especial, por mais que este não lhe dê as respostas específicas das suas perguntas, o encontro de pensamentos iguais já é muito precioso. Nesse ambiente, então, é muito mais fácil encontrar soluções.”

Pessoa 5: “Lindo demais! Somos seres sociais, nascemos para viver em comunidade e esse poema mostra a força que essa união tem, mesmo que a situação seja difícil. Ao compartilhar você ameniza, discute, divide.”

Pessoa 6: “Adorei. Super romântico, acho que é assim que o encontro com a alma gêmea acontece, pessoas que dividem os mesmos anseios e que se unem para se ajudar.”

7.2) Pessoa 1: “Parece que é pessoal....Risos.”

Pessoa 2: “Ah, esses versos me lembram os sonhos que a gente tem e fica adiando. Todas as expectativas que queremos alcançar, mas trocamos por algum emprego careta, por alguma atitude formatada. Me lembra que é necessário chutar isso tudo para ser feliz de verdade. Inclusive me inspira a fazer isso.”

Pessoa 3: “Gosto de jogo de ‘sílabas’ que formam, usando pedaços em comum entre palavras. Acho que essa é a principal ‘sacada’ do Pó de Lua, pois se torna mais dinâmico que ler uma poesia que vai de linha por linha.”

Pessoa 4: “Essa é uma troca e tanto. Um alguém que deixa de lado uma vida muito padronizada, planejada, sem nenhuma abertura para nada. Essa pessoa se fecha tanto para não ser atingida por coisas ruins, que nunca encontrará coisas boas, ao acaso. E aí opta por um outro tipo de vida, em que se vive o presente, se coloca em risco, e aí é surpreendido. É uma questão de energia.”

Pessoa 5: “Quem é esse? Quero imitar!”

Pessoa 6: “Legal! Acho que é o que todo mundo quer, viver no presente e se surpreender, mas o medo acaba fazendo com que nos cerquemos de dispositivos de segurança que impedem que vivamos experiências novas. O novo não necessariamente é ruim.”

7.3) Pessoa 1: “Não daria atenção....Não me atrai.”

Pessoa 2: “Ah, essa poesia me lembra um pouco de mim, mas me lembra muito alguns amigos meus. Acho que transformaria esses versos em um cartão para dar de presente. Para fazer as pessoas que são assim rirem de si mesmas. Eu tenho vontade de sorrir.”

Pessoa 3: “Desculpa, esse não me passa nada, não encontro identificação. Acho que poesia é muito de identificar-se e conseguir se ver no poema ‘alheio’.”

Pessoa 4: “Essa é uma pessoa que vive de aparências, talvez fatores externos a façam assumir esse papel. Mas no fundo, em sua essência é sensibilidade pura.”

Pessoa 5: “Conheço muita gente assim!”

Pessoa 6: “Não acho que seja bacana ser assim... É uma pré-disposição ao mau humor, deveria ser o contrário. Você é alegre e derretido até que algo lhe provoque, fazendo virar gelo.”

8) Pessoa 1: “Opção 2 com a justificativa bem simples....Tô apaixonada e isso basta para querer mergulhar na suposta simplicidade do outro que no fundo pode ser até complexa, mas quem liga quando se está apaixonada? Risos.”

Pessoa 2: “Eu gosto mais da poesia número 2. Acho que ela é simples, no melhor sentido da palavra. A arte e as palavras provocam associações com outras referências. Por exemplo, eu penso em Teatro Mágico, em mensagens inspiradoras nos muros das grandes cidades. Ok, não é uma justificativa tão boa. O que eu quero dizer é que essa poesia me faz lembrar que a mensagem quer causar uma sensação. Por isso, desperta associações com outras referências, para criar pontes de sentido. Uma ponte de sentido que eu faço, pensando em tudo o que ela me lembra, é uma poesia que parece um abraço.”

Pessoa 3: “Escolha: número 2, pois acho mais delicado que os outros e o tema ‘simplicidade’ me agrada mais que os outros.”

Pessoa 4: “Gosto do 3, é um convite a vontade de viver, a atividade, não a passividade.”

Pessoa 5: “Gosto do 1 porque é como me sinto. Se não tenho fotos de alguma viagem já sofro, mesmo sabendo que vivi 100% o momento. Acho que somos meio exibicionistas mesmo.”

Pessoa 6: “Curti o 3 pela mensagem que ele passa, de ir atrás das coisas! Mas também não vejo a solidão como uma coisa ruim...”

9) Pessoa 1: “Todos os dias mais a noite.... Smartphone só olho superficialmente o que mais me interessa, mas a noite entro em tudo.”

Pessoa 2: “Eu acesso o Facebook para ver coisas pessoais durante os finais de semana, a noite. Mas vez ou outra, durante o trabalho diário, dou uma espiada em alguma coisa interessante.”

Pessoa 3: “Todos os dias no computador.”

Pessoa 4: “Fica direto ligado no móbil, mas só olho quando não estou fazendo outra coisa, tipo esperando. Não acho bacana usar na hora das refeições ou quando se está com outra pessoa.”

Pessoa 5: “No computador do trabalho e no tablet em casa. Como trabalho com isso, no fim de semana fico meio de saco cheio e não acesso.”

Pessoa 6: “Durante a semana no computador e no fim de semana fico mais ligada no celular, mas não fico navegando, tem muita besteira! Só vejo as minhas atualizações e pronto.”